

ALEXANDRE MARCHI

**MARTA SUPPLY, CENOGRRAFIA E *ETHOS* POLÍTICO NOS
DEBATES PELA TV**

**FRANCA
2010**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**MARTA SUPLICY, CENOGRAGIA E *ETHOS* POLÍTICO NOS
DEBATES PELA TV**

Dissertação apresentada à Universidade de Franca, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Silvia Olivi Louzada

**FRANCA
2010**

ALEXANDRE MARCHI

MARTA SUPLICY, CENOGRAFIA E *ETHOS* POLÍTICO NOS DEBATES PELA TV

Orientadora : _____
Nome:
Instituição:

Examinador (a): _____
Nome:
Instituição:

Examinador (a): _____
Nome:
Instituição:

Franca, __/ __/ __

DEDICO este trabalho à minha esposa, Adriana, e à minha filha, Lorenza, cujo amor incondicional fez-me um homem melhor.

AGRADECIMENTO

À minha esposa, à minha filha, das quais tantas vezes fiquei longe, mas que jamais me negaram o apoio, o amor e o carinho;

à minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Maria Silvia Olivi Louzada, por me mostrar o caminho a percorrer;

à minha sogra que muitas vezes rezou para que eu organizasse meu tempo e conseguisse ir até Franca.

Agradeço também ao pró-reitor acadêmico do UNIFEG Prof. José Lázaro e ao Pró-reitor Administrativo Prof. Jairo Pedro Cardoso por confiarem em mim e pela amizade e força que me deram durante esse percurso.

Finalmente, agradeço ao corpo docente do Mestrado em Linguística da UNIFRAN pelo apoio, incentivo, participação, dedicação e amizade que seguramente não findam com o trabalho.

Noventa por cento do sucesso se baseia simplesmente em insistir.

Woody Allen

RESUMO

MARCHI, Alexandre. **MARTA SUPLYCY, CENOGRAFIA E *ETHOS* POLÍTICO NOS DEBATES PELA TV**. 2010. 93 f. Dissertação (Linguística) – Universidade de Franca, Franca.

A política sempre foi um campo amplo e fértil para a teatralidade. Acreditamos que os políticos, de modo geral, buscam ter habilidade para construir uma imagem de si, um *ethos* discursivo valorizado e que seja inspirador de confiança, esperando que, assim, possa produzir uma identificação com o eleitor, com conseqüente retorno no pleito eleitoral. Com base nos estudos de Dominique Maingueneau (2005) e de Patrick Charaudeau (2008), analisamos nesse trabalho principalmente os conceitos de cenografia e de *ethos* tomando como objeto de investigação a campanha política da candidata à prefeitura de São Paulo em 2008, Marta Suplicy. Sabe-se que o *ethos* está vinculado à palavra, à manifestação do sujeito da enunciação e que o poder de persuasão de um discurso consiste em parte em levar o leitor a se identificar com a movimentação de um corpo investido de valores socialmente especificados. Entendemos que apesar de a palavra e a imagem pertencerem a universos sócio-discursivos específicos, é inegável que nos discursos midiáticos a sua relação é de recíproca interdependência. Dessa forma, tomamos como principal objeto de análise dois debates do segundo turno das eleições 2008 para o cargo majoritário da cidade de São Paulo realizado entre os candidatos ao cargo, Gilberto Kassab, do Partido Democratas – DEM, e Marta Suplicy, do Partido dos Trabalhadores – PT, em que confrontam suas realizações políticas. Buscamos investigar como nessa cenografia a candidata e política de longa data Marta Suplicy, institui um *ethos* discursivo que também se deixa entrever nas cores utilizadas no seu vestuário, nos acessórios, no tom e cuidado com a escolha das palavras. Além disso, desejamos investigar se há afastamento ou aderência ao seu *ethos* pré-

discursivo, construído publicamente a partir da década de 1970 e começo da década de 1980, no programa TV MULHER, diariamente exibido pela REDE GLOBO de televisão; ou seja, como se confronta nesse debate um *ethos* pré-discursivo que frequenta o imaginário nacional e um *ethos* discursivo que a candidata propaga de si nessa campanha eleitoral.

PALAVRAS-CHAVE: debate; *ethos* discursivo; *ethos* pré-discursivo; cenografia, discurso político.

ABSTRACT

MARCHI, Alexandre. **cenografia and ethos: The electoral propaganda of Marta Suplicy in elections 2008**. 2010. 93f. Dissertation (Linguistic)
University of Franca, Franca.

The politics was always a wide and fertile field for the teatralidade. We believed that the politicians, in general, look for to have ability to build an image of itself, a valued discursive ethos and that it is inspiring of trust, waiting that, like this, it can produce an identification with the voter, with consequent return in the in the election. With base in Dominique Maingueneau's studies (2005), we analyzed in that work mainly the interdiscurso concepts, of set design and of ethos taking as investigation object the political campaign of candidate to the city hall of São Paulo in 2008, Marta Suplicy. It is known that the ethos that is transmitted to the word, to the manifestation of the subject of the enunciation and that the power of persuasion of a speech consists partly of taking the reader identifying with the movement of a body invested of values socially specified. We understood that in spite of the word and the image they belong to specific partner-discursive universes, it is undeniable that in the speeches midiáticos his/her relationship is of reverse interdependence. In that way, we took as main object of analysis two debates of the second shift of the elections 2008 for the majority position of the city of São Paulo accomplished among candidates to the position, Gilberto Kassab, of Partido Democratas DEM, and Marta Suplicy, of Partido dos trabalhadores PT, in that confront their political accomplishments. We looked for to investigate as in that set design candidate and politics of long date Marta Suplicy, it institutes a discursive ethos that also she let to glimpse in the colors used in his/her clothing, in the accessories, in the tone and care with the choice of the words. Besides, we wanted to investigate if there are removal

or adherence to his/her pré-discursive ethos, built and given to know openly in the end of the decade of 1970 and beginning of the decade of 1980, in the program TV MULHER, daily exhibited by the NET television GLOBE; in other words, as it is confronted in that debate a pré-discursive ethos that frequents imaginary national and a discursive ethos that candidate spreads of itself in that electoral campaign.

KEY WORDS: debate; discursive ethos; pré-discursive ethos; cenografia, political discourse.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1. FUNDAMENTOS TEÓRICOS	19
1.1 A Análise do discurso – AD: considerações iniciais.....	19
1.2 Os estudos de Dominique Maingueneau sobre os conceitos de interdiscurso, cenografia e <i>ethos</i>	23
1.2.1 O conceito de interdiscurso.....	24
1.2.2 Cena enunciativa: cena englobante, cena genérica e cenografia	25
1.2.3 A noção de <i>ethos</i> para a análise do discurso contemporânea.....	26
1.2.3.1 <i>Ethos</i> discursivo.....	28
1.2.3.2 <i>Ethos</i> pré-discursivo.....	30
2. O DISCURSO POLÍTICO SEGUNDO OS ESTUDOS DE PATRICK CHARAUDEAU	31
2.1 O que caracteriza o discurso político?.....	33
2.2 Sujeito político e identidade: a questão da legitimidade.....	34
2.3 Tipos de <i>ethos</i> político: as imagens dos atores políticos.....	36
2.3.1. <i>Ethé</i> de credibilidade.....	37
2.3.1.1 <i>Ethos</i> de seriedade.....	40
2.3.1.2 <i>Ethos</i> de virtude.....	42
2.3.1.3 <i>Ethos</i> de competência.....	43
2.3.2 <i>Ethé</i> de identificação.....	45
2.3.2.1. <i>Ethos</i> de potência.....;;	46
2.3.2.2. <i>Ethos</i> de caráter.....	48
2.3.2.3 <i>Ethos</i> de inteligência.....	49
2.3.2.4 <i>Ethos</i> de humanidade.....	50.
2.3.2.5 <i>Ethos</i> de chefe.....	51
2.3.2.6 <i>Ethos</i> de solidariedade.....	52

3. CENOGRRAFIA E <i>ETHOS</i> NO DEBATE POLÍTICO	54
3.1 Marta Suplicy: trajetória pública e construção de um <i>ethos</i> pré-discursivo.....	55
3.2 A construção cenográfica do <i>ethos</i> discursivo da candidata Marta Suplicy.....	63
3.2.1 Debate 1 - TV Band.....	65
3.2.2 Debate 2- TV Globo.....	72
CONCLUSÕES	76
REFERÊNCIAS	
BIBLIOGRÁFICAS	78
ANEXOS	80
ANEXO A – Primeiro Debate	80
ANEXO B – Terceiro Debate	88

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 Presidente Lula . Disponível em 37
Acertodecontas.blog.br/.../lula3.thumbnail.jpg, Acesso em 23/07/
2009
- Figura 2 Presidente Lula e o bispo Edir Macedo. Disponível em 39
Macedorizzolot.files.wordpress.com/.../lula-edir.jpg. Acesso em
10/08/2009.
- Figura 3 Senador Jarbas Vasconcelos. Disponível em 41
blogdotcc.files.wordpress.com/2009/02/jv2.jpg. Acesso 04/08/
2009.
- Figura 4 Senador Eduardo Suplicy. Disponível em 42
www.senado.gov.br/.../biografia/Fotos/08.jpg > Acesso 04/08/
2009.
- Figura 5 Deputado Paulo Maluf. Disponível em 44
oglobo.globo.com/.../04_MHG_pais_maluf324435.jpg. Acesso 28
//09/ 2009.
- Figura 6 Presidente Fernando Collor de Mello. Disponível em 46
<http://www.auxiliarpano.blogspot.com.br/collor.JPG> . Acesso em
25/11/2009.

- Figura 7 Ex ministra Marina Silva. Disponível em 48
<http://www.94fm.com.br/userfiles/image/marina-silva.jpg>. Acesso em 12/09/2009.
- Figura 8 Presidente Fernando Henrique Cardoso. Disponível em 49
http://www.planalto.gov.br/Infger_07/presidentes/imagens/fhc-2.jpg. Acesso em 25/11/2009.
- Figura 09 Presidente Bill Clinton e Monica Lewinski. Disponível em 50
snkywww.time.com/time/covers/0,16641,19990222,00.html. Acesso em 18/07/2009.
- Figura 10 Presidente Getúlio Vargas. Disponível em 51
www.academia.org.br/.../sys/start.htm?sid=335. Acesso em 02/09/2009.
- Figura 11 Evita Perón. Disponível em 53
www.nyu.edu/classes/keefer/ww1/evita4.jpg. Acesso em 24/11/2009.
- Figura 12 Marta Suplicy aos 17 anos. Disponível em 55
<http://t0.gstatic.com/images?q=tbn:WghwbFYMwLC92M:http://1.bp.blogspot.com>, Acesso em 10 de setembro de 2009.
- Figura 13 Disponível em: www.globo.com/imagem.asp?Imagem. Acesso em 23 de junho de 2009. 57
- Figura 14 Disponível em http://2.bp.blogspot.com/marta_suplicy.jpg. Acesso em 22 de junho de 2009. 59
- Figura 15 Disponível em oglobo.globo.com/.../2007/06/14/296181709.asp Acesso em 12/07/2009. 61

- Figura 16 Disponível em Snapshot [youtube.com/campanha política 2008](http://youtube.com/campanha_politica_2008). 63
Acessado em 23/08/2009.
- Figura 17 Disponível em Snapshot [youtube.com/Debate Eleições 2008](http://youtube.com/Debate_Eleicoes_2008_BAND) 66
BAND. Acesso em 23/10/2009
- Figura 18 Disponível em [http://campanhanoar.folha.blog.uol.com.br](http://campanhanoar.folha.blog.uol.com.br/images/Marta_Kassab.jpg) 70
/images/Marta_ Kassab.jpg. Acesso em 27/08/2008.
- Figura 19 Disponível em img.estadao.com.br, acesso no 25/11/ 2009. 72

INTRODUÇÃO

Por sermos publicitários e especialistas em Marketing Empresarial, lidamos com políticos e com campanhas políticas com frequência. Com os nossos estudos sobre a análise do discurso, acreditamos ter-nos aproximado dessa teoria que ampliou nossa capacidade de compreensão para tipificar os políticos com quem trabalhamos, particularmente no que se refere à construção do *ethos*. Começamos a interligar a prática publicitária e de marketing ao contexto dos pensadores da linguística e, realmente, pretendemos colocar em prática algumas das ideias que nos foram apresentadas e com as quais buscamos revelar intimidade intelectual ao produzir este trabalho de pesquisa e esta dissertação.

Os objetivos dessa pesquisa são:

1. Ilustração dos tipos de *ethos* político, segundo os estudos produzidos por Dominique Maingueneau e Patrick Charaudeau, buscando relacioná-los aos discursos dos políticos que participam do imaginário nacional e internacional.
2. Analisar o modo de embate ou assimilação de um *ethos* discursivo a um *ethos* pré-discursivo, tomando como base os pronunciamentos da candidata Marta Suplicy durante a campanha eleitoral de 2008 para Prefeitura de São Paulo.

Para realizar esse intento e essas perspectivas de análise, optamos por referenciar as obras e os autores que julgamos mais significativos, assim como optamos pela descrição e análise explicativa dos procedimentos discursivos, buscando compreender seus efeitos de sentido, o que a caracteriza uma pesquisa descritiva e explicativa (SOARES e FAZENDA, 1992).

A Análise do Discurso, uma área multidisciplinar, estuda os efeitos de sentidos que os enunciados possam suscitar, consideradas as condições de produção e os contextos sócio-ideológicos. A política sempre foi um campo, particularmente, amplo e fértil para a teatralidade. Acreditamos que a cenografia, a

construção do *ethos* e o recurso ao interdiscurso são as ferramentas, mesmo que inconscientes, dos políticos para proporem aos eleitores suas ideias e buscar persuadi-los.

Os políticos, de modo geral, buscam ter habilidade, para construir uma imagem de si – um *ethos* valorizado e que seja inspirador de confiança - e esperar que ele possa produzir uma identificação com o eleitor, com o conseqüente retorno no pleito eleitoral.

Com base nos estudos de Dominique Maingueneau (1997, 2005 e 2008), analisamos nesse trabalho os conceitos de interdiscurso, cenografia e de *ethos* tomando como objeto de investigação a campanha política da candidata à prefeitura de São Paulo em 2008, Marta Suplicy.

Tomamos como principais objetos de análise:

- o primeiro debate para o cargo majoritário da cidade de São Paulo entre os candidatos Marta Suplicy, do Partido dos Trabalhadores – PT e Gilberto Kassab, do Partido Democratas – DEM, veiculado pela emissora Band;

- o terceiro debate do segundo turno das eleições 2008, veiculado pela REDE GLOBO, realizado entre os dois candidatos ao cargo que confrontam as suas realizações políticas num último esforço de persuasão do eleitorado.

Esclarecemos que esta escolha justifica-se porque o segundo debate pela TV foi semelhante em conteúdo ao primeiro e não acrescentaria muito a este trabalho.

O tema desse trabalho versa principalmente sobre o *ethos* discursivo tal como construído pela candidata e política de longa data, Marta Suplicy, ou seja, buscamos investigar como na cenografia instituída pelo debate na TV emerge um *ethos* discursivo que é possível entrever no cuidado com a escolha das palavras e nas proposições argumentativas, mas também nas cores utilizadas no seu vestuário, nos acessórios, no “tom” e “corporalidade”, em suma, como diz Maingueneau (2008).

Interessa-nos, portanto, analisar o modo como se manifestam a corporalidade, os meneios, os gestos, o tom de voz e posições posturais assumidas pela candidata Marta Suplicy quando estava na bancada de debate dos programas citados elaborando ou respondendo a perguntas; em suma, como se constrói o

ethos discursivo nesta situação, em que medida ele produz um efeito de identificação ou de desidentificação com um *ethos* pré-discursivo da candidata.

Com base em Maingueneau (2005), analisa-se nesse trabalho o *ethos* que está vinculado à palavra, à manifestação do sujeito da enunciação: “O poder de persuasão de um discurso consiste em parte em levar o leitor a se identificar com a movimentação de um corpo investido de valores socialmente especificados”. O *ethos* é parte constitutiva da cena de enunciação e está relacionado ao “tom” e “corporalidade”.

Outra hipótese que buscamos investigar, portanto, é que nos pronunciamentos da candidata Marta Suplicy existe uma alternância entre o afastamento ou a aderência do *ethos* discursivo ao *ethos* pré-discursivo, construído e dado a conhecer publicamente desde o final da década de 1970 e começo da década de 1980, e que isso pode ter criado um efeito de desconfiança no telespectador dos debates pela TV e, talvez, prejudicado os propósitos eleitorais da candidata no pleito de 2008.

No primeiro capítulo desta dissertação recuperamos os fundamentos da AD aproximando-nos das ideias de Pêcheux e dos primórdios da análise do discurso. Passamos à AD contemporânea, tal como entendida por Dominique Maingueneau, e que embasa os conceitos de interdiscurso, cenografia e *ethos*.

No segundo capítulo, buscamos estudar os fundamentos discutidos por Patrick Charaudeau (2008) no que diz respeito à análise do discurso político, do sujeito político, de identidade, de legitimidade e de tipos de *ethé* políticos. Fazemos um exercício de compreensão e aprofundamento ao relacionar tais tipos de *ethé* a discursos de personalidades políticas conhecidas de nosso tempo.

No terceiro capítulo dedicamo-nos, propriamente, ao *corpus* em estudo: inicialmente, buscamos recuperar um pouco da trajetória da personagem política, Marta Suplicy, em análise. Fazemos o caminho de Marta Teresa Smith de Vasconcelos até ela se tornar Marta Suplicy. Mostraremos como se construiu no debate político para prefeitura de São Paulo em 2008 um *ethos* discursivo da candidata e como isso trouxe consequências para ela

1. FUNDAMENTOS TEÓRICOS

“A necessidade obrigatória de falar e o embaraço de nada ter para falar, são duas coisas capazes de tornar ridículo ainda mesmo o maior homem”

(Voltaire)

Buscamos neste capítulo resumir as principais ideias e conceitos da chamada AD – análise do discurso - mas, principalmente os conceitos desenvolvidos contemporaneamente pelo pesquisador francês Dominique Maingueneau sobre o interdiscurso, a cenografia e o *ethos*, conceitos esses que utilizaremos em nossas análises.

1.1 A Análise do discurso – AD: considerações iniciais:

Inicialmente, propomos uma recuperação da trajetória, um esboço histórico dos estudos do discurso até a AD contemporânea. Como toda disciplina, a AD não nasceu ao acaso. Brandão (2002, p.15), citando Maingueneau (1984), explica que foram os formalistas russos que abriram espaço para a entrada no campo dos estudos linguísticos daquilo que se chamaria mais tarde discurso. Depois disso, nos anos 1950, começam a se delinear as duas linhas de estudo do discurso. Uma linha americana, com Harris (*Discourse Analysis*, 1952) e outra linha europeia:

Os anos 50 são decisivos para a constituição de uma análise do discurso enquanto disciplina. De um lado, surge o trabalho de Harris, que mostra a possibilidade de ultrapassar as análises confinadas meramente à frase, ao estender procedimentos da linguística distribucional americana aos enunciados (chamados discursos), e, de outro lado, os trabalhos de R. Jakobson e E. Benveniste sobre enunciação (...) embora a obra de Harris possa ser considerada o marco

inicial da análise do discurso, ela se coloca como simples extensão da linguística imanente na medida em que transfere e aplica procedimentos de análise de unidades de língua aos enunciados e situa-se fora de qualquer reflexão sobre significação e as considerações sócio-históricas de produção que vão distinguir e marcar posteriormente a Análise do Discurso. (BRANDÃO, 2002, p.15)

Nos anos 1960, a França estava em ebulição político-social. Esse cenário foi terreno fértil para a disseminação de ideias, teorias e especulações dos intelectuais da época. Para Maingueneau (1984):

a “escola Francesa de análise do discurso” filia-se a uma certa tradição intelectual europeia (e sobretudo da França) acostumada a unir reflexão sobre texto e sobre história. Nos anos 60, sob a égide do estruturalismo, a conjuntura intelectual francesa propiciou, em torno de uma reflexão sobre a “escritura”, uma articulação entre a linguística, o marxismo e a psicanálise. A AD nasceu tendo como base a interdisciplinaridade, pois ela era preocupação não só de linguistas como de historiadores e de alguns psicólogos. (BRANDÃO, 2002, p.17)

A AAD – Análise automática do discurso - nasceu dos estudos realizados pelo francês Michel Pêcheux sobre a necessidade de estabelecer uma maquinaria estruturalmente fechada para analisar os discursos. E com a AAD ele queria levar esses mecanismos teóricos e metodológicos, ou máquina como ele mesmo citou, para trabalhar com o discurso sob diferentes condições de produção levando em conta os aspectos sociais, históricos e, naquele momento, principalmente o ideológico. Tinha a intenção de estruturar o discurso da mesma forma que Saussure fez com a língua.

(...) fica evidente que uma linguística imanente que se limite ao estudo interno da língua não poderá dar conta do seu objeto. É necessário que ela traga para o interior mesmo do seu sistema um enfoque que articule o linguístico e o social, buscando as relações que vinculam a linguagem à ideologia. Sistema de significação da realidade, a linguagem é um distanciamento entre a coisa e sua representação signica que reside o ideológico. (BRANDÃO, 2002. p. 10)

Em 1969, ao nascer a AD tinha fortes traços de seu idealizador. Vinha carregada de ideias marxistas e de ideologias esquerdistas. Não esquecendo da forte influência que teve de Althusser, no início da década de 1960.

O sujeito, em uma primeira fase, fora colocado como assujeitado, segundo Pêcheux, um sujeito sempre submisso a uma ideologia, mas que não tinha noção desse assujeitamento. Althusser já tinha um pensamento sobre esse assujeitamento ideológico:

Um sujeito dotado de uma consciência em que forma livremente, ou reconhece livremente, as ideias em que crê, decorre naturalmente dessas ideias que constituem a sua crença. Reconhece-se, dessa forma, que as ideias de um sujeito existem ou devem existir nos seus atos, e se isso não acontece, emprestam-se-lhes outras ideias correspondentes aos atos que realiza. (BRANDÃO, 2002, p.23)

Somente em uma segunda fase da AD, houve uma mudança nessa ideia de máquina estruturalmente fechada. Na chamada AD2 as atenções ficaram voltadas para as relações entre diferentes máquinas discursivas estruturais. Introduziu-se aqui a denominação para a noção de formação discursiva (FD) tomada de empréstimo de Foucault :

(...) um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram uma época dada, e para uma área social, econômica e geográfica ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa (FOUCAULT, 1969, p.136).

Nesse período, Pêcheux deslocou a ideia inicial de sujeito, mas este ainda não deixara de ser assujeitado por completo: “Cada sujeito é assujeitado no universal como singular insubstituível” (PÊCHEUX, 1975, p.156).

A materialidade da ideologia é o discurso e a materialidade deste é a língua. Pode-se dizer que o discurso é, então, um laboratório de estudo da relação entre a língua e a ideologia. Pêcheux nos apresenta, nessa época ao interdiscurso.

Pêcheux vai chamar de *Interdiscurso* o efeito da interpelação ideológica, o "pré-construído" no nível da memória, a imaterialidade dos saberes; e de *intradiscurso*, à materialidade discursiva. Vai dizer ainda que é no interdiscurso que reside a identidade presente, passada e futura dos enunciados.(BRANDÃO, 1995,p.36)

Quando Pêcheux cita “nível da memória” ele quer dizer que é o lugar das antecipações-formulações imaginárias, o lugar que os interlocutores atribuem a si e ao outro no discurso, a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar

que o outro ocupa. Essas antecipações vão fundar as estratégias do discurso, sendo que uma de suas contribuições de suma importância para a análise do discurso foi a introdução da noção “condições de produção” do discurso, alicerçado na expressão marxista “condições econômicas de produção”. Para Pêcheux, o locutor e interlocutor elaboram representações imaginárias (com base no pré-construído) dos lugares que ocupam um e outro (identidades), que dependem da estrutura das formações sociais e que decorrem das relações da classe. As condições de produção são fundamentais para os analistas de discurso para que possam delimitar, ou fazer um recorte no tempo para que as análises possam ser feitas de acordo com o seu período histórico, definindo assim o modo de pensar, agir e de comunicar-se de cada período.

Na terceira fase, a AD-3, a ideia de um assujeitamento total desmorona e Pêcheux se volta para a concepção de um sujeito heterogêneo. Segundo Orlandi (2006, p. 21): “Há, portanto, uma contradição no interior desse sujeito: não sendo nem totalmente livre, nem totalmente submetido, o espaço de sua constituição é tenso.” Pois desse sujeito, ainda citando Orlandi, participam, ao mesmo tempo, o seu lugar no tempo e espaço, sua bagagem de captação do “já dito”, sua história particular, sua ideologia e sua Formação Discursiva.

No livro “Discurso: estrutura ou acontecimento” (2006), Pêcheux se distancia da análise automática, onde buscava a maquinaria para a análise do discurso, e admite a heterogeneidade do sujeito exemplificando seu novo conceito com um episódio da história político-social da França no ano de 1981, quando François Mitterrand vence as eleições presidenciais e o grito de ordem dos partidários, ou dos que simplesmente queriam mudanças, era oriundo das torcidas de futebol – *on a gagné*. A noção de sujeito para Pêcheux é determinada pela posição, pelo lugar de onde ele fala, ou seja, o sujeito fala do interior de uma Formação Discursiva, de acordo com sua formação ideológica. Para Pêcheux, essa apropriação de um enunciado comumente utilizado pelos torcedores suscita uma nova interpretação de um acontecimento discursivo diferente do usualmente utilizado.

A sociedade do espetáculo – segundo Guy Debord (1967), capitaneada pelo *mass media* é sempre sedenta de novos significados para velhas ideias.

Pêcheux explora a espetacularização da política na era da mídia de massa, mostrando como a interpretação pode ser variada sobre o mesmo assunto quando um acontecimento discursivo como a eleição de F. Mitterrand é disseminada pesadamente pela mídia.

A partir do exemplo de um acontecimento, o do dia 10 de maio de 1981, a questão teórica que coloco é, pois, a do estatuto das discursividades que trabalham um acontecimento, entrecruzando proposições de aparência logicamente estável, suscetíveis de resposta unívoca e formulações irremediavelmente equívocas. (PÊCHEUX, 2006, p. 28).

A contribuição de Michel Pêcheux é muito importante para os analistas que hoje trabalham a AD. Segundo Orlandi:

Aí se estabelece o teatro da consciência segundo o qual o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia, pelo simbólico. Dessa interpelação do indivíduo em sujeito resulta uma forma-sujeito histórica. Esta por sua vez sofre um processo de individualização pelo Estado e aí reencontramos o indivíduo agora não mais bio e psico, mas social, resultado de processos institucionais de individualização. (ORLANDI, 2006, p.17).

Dominique Maingueneau estuda o discurso mostrando a complexidade e a dificuldade das tarefas e dos papéis a serem assumidos pelo analista do discurso. No “Dicionário de análise do discurso”, de Charaudeau e Maingueneau (2006), a AAD contemporânea é definida assim:

A nova AAD alterna momentos de análise linguística sintática (analisador DEREDEC EM PLANTE, 1988) e momentos de análises sequenciais abrangendo o estudo da construção de objetos discursivos (MARANDIN, 1986) e reservando um lugar importante para a heterogeneidade enunciativa (formas de heterogeneidade mostrada, estudada por Authier-Revuz). (CHARAUDEAU E MAINGUENEAU, 2006, p. 32)

1.2 Os estudos de Maingueneau sobre os conceitos de interdiscurso, cenografia e ethos

O interdiscurso, a cenografia e o *ethos* estão inexoravelmente ligados à construção do discurso político, O discurso político (CHARAUDEAU, 2008, p.08) é, por excelência, o lugar de um jogo de máscaras. Toda palavra pronunciada no campo político deve ser tomada ao mesmo tempo pelo que ela diz e não diz. Jamais deve ser tomada ao pé da letra, numa transparência ingênua, mas como resultado de uma estratégia cujo enunciador nem sempre é soberano.

1.2.1 O conceito de interdiscurso

Segundo Maingueneau (2005, p. 120) “um discurso não nasce de um retorno às próprias coisas, mas de um trabalho sobre outros discursos”. Num sentido mais restritivo, segundo Courtine (1981, p.54), “o interdiscurso é uma articulação contraditória de formações discursivas que se referem a formações ideológicas antagônicas”. Maingueneau explica que o interdiscurso se constitui de três partes: universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo.

É chamada de universo discursivo a interação em uma dada conjuntura de um conjunto de formações discursivas de todos os tipos:

O universo discursivo constitui necessariamente um conjunto finito, mesmo que não possa ser apreendido em sua globalidade. É de pouca utilidade para o analista e define apenas uma extensão máxima, o horizonte a partir do qual serão constituídos domínios susceptíveis de ser estudados, os “campos discursivos”. (MAINGUENEAU, 2005, p.35).

Já nos campos discursivos, que estão contidos no universo discursivo, as formações discursivas se delimitam reciprocamente pela concorrência. Para o termo concorrência o autor dá a seguinte explicação:

Concorrência deve ser entendida da maneira mais ampla; inclui tanto o confronto aberto quanto a aliança, a neutralidade aparente etc... entre discursos que possuem a mesma função social e divergem sobre o modo pelo qual ela deve ser preenchida. (MAINGUENEAU, 2005,p.36).

Significa dizer que um discurso não se constitui da mesma forma com todos os discursos desse mesmo campo discursivo: “Em razão de sua evidente heterogeneidade: uma hierarquia instável opõe discursos dominantes e dominados e eles não se situam todos necessariamente do mesmo plano” (MAINGUENEAU, 2005, p.37). Dessa heterogeneidade o analista é conduzido a isolar as formações discursivas, que julgar pertinentes a sua análise, em espaços discursivos:

Reconhecer este tipo de primado do interdiscurso é incitar a construir *um sistema no qual a definição da rede semântica que circunscreve a especificidade de um discurso coincide com a definição das relações desse discurso com seu Outro*. No nível das condições de possibilidade haveria, pois, apenas um espaço de trocas e jamais de identidade fechada. Esse ponto de vista vai de encontro ao que adotam espontaneamente os enunciadores discursivos; esses, longe de admitir esse descentramento radical, reivindicam, de fato, a autonomia de seu discurso. (MAINGUENEAU, 2005, p.39).

O interdiscurso é, segundo Maingueneau (2005, p.38), mais do que um simples conjunto de relações entre diversos “intradiscursos” compactos.

1.2.2 Cena enunciativa: cena englobante, cena genérica e cenografia

De acordo com uma velha metáfora a sociedade é um vasto teatro onde um papel é atribuído a cada um. Segundo Maingueneau (1997, p.31): “Há uma tendência para ampliar este ponto de vista, integrando os papéis em um complexo mais rico: uma “encenação” ou “cenografia”. Segundo o Dicionário de Análise do discurso, de Charaudeau e Maingueneau (2006, p. 48) : “Na Análise do Discurso a noção de “cena” é constantemente utilizada para se referir à maneira pela qual o discurso constrói uma representação de sua própria situação”. Maingueneau (1997, 2005) distingue três cenas de enunciação:

- A cena englobante é a cena que sinaliza um estatuto pragmático ao gênero de discurso de onde provém o texto. Refere-se ao tipo de discurso (didático, religioso, político, publicitário etc.) a que pertence um texto e em qual lugar o destinatário deve-se colocar (um aluno, um fiel, um eleitor, um consumidor etc.) para interpretá-lo.

- A cena genérica é constituída pelos gêneros do discurso particulares que podem ser reunidos em grupos. Cada grupo exige uma cena específica, é definida pelas cenas específicas dos gêneros do discurso: os papéis dos parceiros do discurso; o lugar e o tempo; um suporte e finalidade.

- A cenografia: não é imposta pelo gênero do discurso, mas instituída pelo discurso. É determinada logo no início do discurso. Implica em um momento específico e em um lugar específico de onde o discurso surge. Maingueneau (1997, p.32) assumia que a AD preferia formular as instâncias de enunciação “em termos de lugares”, visando a enfatizar a topografia social sobre os falantes que aí vêm se inscrever. A cenografia é criada, instituída pelo próprio discurso. Trata-se do modo como o locutor realiza a enunciação”.

Para Cenografia ou contexto semiótico encontra-se no mesmo nível que a possibilidade de formulações eficazes (os atos de fala) que conferem sua credibilidade às enunciações; delas fazem parte “o próprio enunciado, certamente, mas também o modo pelo qual o enunciador se inscreve (gestualmente, proxemicamente, etc.) no tempo e no espaço de seu interlocutor, bem como todas as determinações semânticas e sintáticas que contribuem para forjar “imagem distinguida” que os parceiros remetem um ao outro no ato de comunicação. (MAINGUENEAU, 1997, p.31)

Para Maingueneau (2005, p. 76-77), a cenografia acrescenta:

à noção teatral de “cena” a de – grafia, de “inscrição”. Uma enunciação se caracteriza, de fato, por sua maneira específica de inscrever-se, de legitimar-se prescrevendo-se em modo de existência no interdiscurso; consideramos o desenvolvimento da enunciação como a instauração progressiva de seu próprio dispositivo de fala. A “grafia” deve, pois, ser apreendida ao mesmo tempo como quadro e como processo.

A cenografia, de acordo com Maingueneau (1997, p.32), “encontra-se no mesmo nível que a possibilidade de formulações eficazes (os atos de fala) que conferem sua credibilidade às enunciações”.

Alguns gêneros de discurso não suscitam cenografias (lista telefônica, textos de lei, receita médica etc); outros exigem a escolha de uma cenografia,

especialmente aqueles que desejam agir sobre o destinatário, modificar suas convicções (propagandas, romance, capas de revista etc.)

Com a Cena Enunciativa assumimos uma “voz”. Assim, Maingueneau (2005, p.51) fala de encenação para o “espaço interno” da comunicação, isto é, o papel que o locutor, por meio de sua fala, escolhe para se dar e para atribuir a seu parceiro.

1.2.3 A noção de *ethos* para a análise do discurso contemporânea

Em todo discurso é presumida a criação da imagem dos que estão envolvidos no processo de interação. De acordo com Maingueneau (1997, p.45):

O discurso é inseparável daquilo que poderíamos designar muito grosseiramente de uma “voz”. Esta era, aliás, uma dimensão bem conhecida da retórica antiga que entendia por *ethé* as propriedades que os oradores se conferiam implicitamente, através de sua maneira de dizer: não o que diziam a propósito deles mesmos, mas o que revelavam pelo próprio modo de se expressarem.

À construção dessa imagem de si no discurso convencionou-se chamar *ethos*. Para falarmos sobre *ethos* temos que recorrer inicialmente à Grécia antiga, focando principalmente na teoria que Aristóteles sistematizou- a Retórica - como a arte da persuasão:

O discurso retórico tem por objeto o *verossímil* (πιθανόν, *pithános*) e por meta a produção de uma *crença firme* (πίστις, *pístis*) que supõe, para além da mera presunção imaginativa, a anuência da *vontade*; e o homem influencia a vontade de um outro homem por meio da persuasão (πειθο, *peitho*), que é uma ação psicológica fundada nas crenças comuns. Se a poesia tinha como resultado uma *impressão*, o discurso retórico deve produzir uma *decisão*, mostrando que ela é a mais adequada ou conveniente dentro de um determinado quadro de crenças admitidas. (BRANDÃO, 2002, p. 85)

Com Aristóteles o conceito de *ethos*, segundo ele “o caráter do orador”, foi colocado como ponto fundamental para o exercício da persuasão. Retomemos o verbete *ethos* no Dicionário da Análise do Discurso, escrito por Maingueneau e Charaudeau (2006, p.220):

Ethos - termo emprestado da retórica antiga, o *ethos* designa a imagem de si que o locutor constrói em seu discurso para exercer uma influência sobre seu alocutário. Essa noção foi retomada em ciências da linguagem e, principalmente, em análise do discurso no que se refere às modalidades verbais da apresentação de si na interação verbal. O “*ethos*” faz parte, como o “*logos*” e o “*pathos*”, da trilogia aristotélica dos meios de prova. Adquire em Aristóteles um duplo sentido: por um lado designa as virtudes morais que garantem credibilidade ao orador, tais qual a prudência, a virtude e a benevolência; por outro, comporta uma dimensão social, na medida em que o orador convence ao se exprimir de modo apropriado o seu caráter e o seu tipo social. Nos dois casos, trata-se da imagem de si que o orador produz em seu discurso, e não de sua pessoa real.

Segundo a Análise do Discurso, a palavra *ethos* diz respeito à criação da própria imagem através do discurso. Assim, dizer que os envolvidos no processo do discurso criam uma auto-imagem através dele, significa também que o discurso carrega as marcas ideológicas, a “bagagem” cultural e social do enunciador e do co-enunciador, aqui entendidos como aqueles que agem entre si no processo discursivo. A imagem do enunciador age no campo discursivo, de modo a ser parte constituinte do processo enunciativo.

O *ethos* é, pois, parte constitutiva da cena de enunciação e está relacionado à geração, ou não, de confiabilidade que se estabelece na cena de enunciação. No jogo dialógico, nos achamos em várias situações nas quais o conflito estabelecido entre os sujeitos não é produto apenas da linguagem, mas de forças externas a ela, bem demarcadas ideológica e socialmente, de posições que se instauram no processo de interação verbal numa verdadeira arena de diferentes discursos que se opõem e se contestam ou se consolidam.

Retomemos ainda Maingueneau:

O universo de sentido propiciado pelo discurso impõe-se tanto pelo *ethos* como pelas ‘ideias’ que transmite; na realidade, essas ideias se apresentam por intermédio de uma maneira de dizer que remete a uma maneira de ser, à participação imaginária em uma experiência vivida. [...] O poder de persuasão de um discurso consiste em parte em levar o leitor a se identificar com a movimentação de um corpo investido de valores socialmente especificados. (MAINGUENEAU, 2005, p.99).

Maingueneau (2005) distingue diferentes tipos de *ethos*, como expomos a seguir.

1.2.3.1 *Ethos* discursivo

O autor considera o *ethos* como parte constitutiva da cena da enunciação, é a imagem que o enunciador constrói de si pelo seu discurso, ou seja, um *ethos* discursivo. O *ethos* discursivo está vinculado à palavra e ao sujeito da enunciação e não ao indivíduo real. Sendo percebido em textos orais e escritos, está relacionado ao “tom” de confiabilidade que se estabelece na cena de enunciação. O discurso possui uma voz, um “tom” que possibilita ao co-enunciador construir uma representação do enunciador a partir de índices de diversas ordens fornecidos pela enunciação. É uma eficaz estratégia persuasiva que se forma na interação e que determina o sucesso ou o fracasso da atividade verbal. Essa representação desempenha o papel de um “fiador” que se encarrega da responsabilidade daquilo que é tido. Assim, o “fiador” é o responsável pelo “tom” da enunciação e não o autor. (MAINGUENEAU, 2005).

O *ethos* discursivo compreende não apenas a dimensão vocal, mas também o conjunto dos atributos físicos e psíquicos ligados pelas representações coletivas à personagem do enunciador, segundo Maingueneau (2005, p. 72):

O “fiador”, cuja figura o leitor deve construir com base em indícios textuais de diversas ordens, vê-se, assim, investido de um caráter e de uma corporalidade, cujo grau de precisão varia conforme os textos. O “caráter” corresponde a um feixe de traços psicológicos. Quanto à “corporalidade”, ela é associada a uma compleição corporal, mas também a uma forma de vestir-se e de mover-se no espaço social. O *ethos* implica assim um controle tácito do corpo, apreendido por meio de um comportamento global.

O fiador possui um caráter e uma corporalidade, que são inseparáveis. Esse caráter diz respeito a um conjunto de traços psicológicos que o co-enunciador atribui ao enunciador pelo seu modo de dizer. A corporalidade consiste também em uma imagem física construída do enunciador, no modo como ele se veste e se porta no espaço social.

Considerando que o sentido do discurso se produz na cena enunciativa, na relação entre enunciador e co-enunciador, Maingueneau considera o conceito de incorporação para estabelecer essa relação. Há uma ligação entre a imagem do enunciador, espelhada no “tom” adotado na comunicação, e o co-enunciador, que é introduzido na enunciação. Isso nos faz lembrar de posições ocupadas por cada um dos participantes no jogo de cena da comunicação. Essa corporalidade se dá em cada papel que cada enunciador e cada co-enunciador ocupam no espaço de comunicação. Um político vai assumir um papel de político, mesmo que tenha variadas vertentes de personalidade e posicionamentos ideológicos, como a do político “rouba mas faz”, ou do político que “luta contra os marajás” ou ainda o “coronel” que cuida do seu “curral” eleitoral como se fosse sua fazenda. Não deixa de ter traços estereotipados da maioria dos políticos. Segundo Patrick Charaudeau:

[...] os políticos, nesse mundo moderno da encenação e do espetáculo, se quiserem exercer alguma influência sobre os cidadãos, devem aprender as novas regras de insinceridade e do mentir verdadeiro legítimos, aceitar esse paradoxo moderno segundo o qual se dá uma grande importância ao parecer justamente numa época em que a cidadania é mais esclarecida. (CHARAUDEAU, 2006, p.305-306)

1.2.3.2 *Ethos* pré-discursivo

Maingueneau (1997, p.47) sustenta que tanto o caráter quanto a corporalidade estão baseados em estereótipos, em tipos de comportamento e imagens presentes em uma cultura, em um *ethos* pré-discursivo.

De acordo com Maingueneau (2005, p.69-72), o co-enunciador já detém ou contrói representações do *ethos* do enunciador antes mesmo que ele fale - o *ethos* pré-discursivo, noção intimamente relacionada à de identidade de posicionamento. No que se refere ao discurso político, em especial, a cada nova cena enunciativa, o co-enunciador retoma esse *ethos* prévio e usa-o como um parâmetro, um norteador para realizar a interpretação do novo discurso proferido.

O *ethos* discursivo mantém relação estreita com a imagem prévia que o auditório pode ter do orador ou, pelo menos, com a ideia que este faz do modo como seus alocutários o percebem. A representação da pessoa do locutor anterior a sua tomada de turno – às vezes denominada *ethos* prévio ou pré-discursivo – está frequentemente no fundamento da imagem que ele constrói em seu discurso: com efeito, ele tenta consolidá-la, retificá-la, retrabalhá-la ou atenuá-la. Essa noção que permanece problemática, dado que extradiscursivamente, é, entretanto, adotada, com diversas precauções, por mais de um analista. (CHARAUDEAU E MAINGUENEAU, 2006, p.38)

2. O DISCURSO POLÍTICO SEGUNDO OS ESTUDOS DE PATRICK CHARAUDEAU

“Todo governo atual [...] é em parte um governo da palavra e da imagem.” (Marc Augé 1997)

Sabemos que o discurso político tem sido objeto de investigação de muitos pesquisadores do discurso de diferentes linhas teóricas, fora e dentro do Brasil ao longo dos últimos 50 anos. Dentre os estudiosos brasileiros, lembramos aqui os trabalhos de Haqira Osakabe (1979), José Luiz Fiorin (1988), Mônica Zoppi Fontana (1997), Carlos Piovezani (2006), Maria Silvia Louzada (2007), entre outros. No entanto, optamos por trazer a este capítulo a discussão sobre o discurso político segundo os estudos de Patrick Charaudeau (2008), em especial no que concerne à tipificação de *ethé* político, em virtude de nosso interesse ser investigar o *ethos* político de Marta Suplicy a partir dos estudos já realizados por este pesquisador francês.

Traremos a esse capítulo a discussão sobre o discurso político segundo os estudos de Patrick Charaudeau (2008), em especial no que concerne à tipificação de *ethé* político.

Toda fala política é, evidentemente, por definição, um fato social. Não era necessário, então, entendê-la como relacionada aos atos de produção exclusivamente oral, um escrito de caráter político pertencente a uma fala política [...] Falar agora de “discurso político” é tentar definir uma forma de organização da linguagem em seu uso e em seus efeitos psicológicos e sociais, no interior de determinado campo de práticas. Trata-se aqui de um objeto de estudo, que está no centro de diversas disciplinas. (CHARAUDEAU, 2008. p,32)

Para Charaudeau (2008) o discurso político congrega certos pontos de vista e noções de diversas disciplinas, mas se distancia delas quanto a sua finalidade.

De fato, várias disciplinas têm analisado o fenômeno político sem que nenhuma tenha conseguido esgotar seu objeto: a Filosofia, a Sociologia, a Psicologia Social, a Antropologia Social, as Ciências Políticas e as Ciências da Linguagem, todas se interessam por esse fenômeno e o constroem como um objeto de estudo que lhes é próprio. Isso explica a tendência natural de cada uma delas de converter seu objeto em um absoluto (filosófico, antropológico, sociológico, linguageiro etc.) do fenômeno.(CHARAUDEAU, 2008, p. 62)

Como o próprio Charaudeau (2008. p. 15) afirma - “ Para um linguista do discurso, que não se pode ignorar que a linguagem não faz sentido, a não ser na medida em que este é considerado em um certo contexto psicológico e social.” - é necessária a adesão às outras disciplinas para fazer a análise do discurso político.

Aqui trata-se de tomar posição quanto às relações entre linguagem, ação, poder e verdade, a fim de determinar a problemática particular na qual será estudado o discurso político. Antes, porém, é necessário interrogar-se sobre a natureza e o funcionamento do que chamaremos, por ora, de palavra política, na medida em que ela se inscreve em uma prática social que circula em certo espaço público e tem qualquer coisa que ver com as relações de poder que aí se instauram. (CHARAUDEAU, 2008, p.16)

Ao interessar-se pelo estudo do *ethos*, Charaudeau (2008, 114) alerta que o faz para ampliar o debate em torno de duas questões polêmicas entre os estudiosos do discurso: a construção do *ethos* liga-se apenas ao enunciador, o ser

do discurso, e/ou também ao locutor, o ser real? O *ethos* diz respeito a um só indivíduo ou pode ser coletivo?

A respeito de *ethos* coletivo, acreditamos que poderíamos entender que a classe política pode ser assim nomeada, visto que em nosso imaginário os políticos costumam ser vistos “em bloco”, ligam-se a um estereótipo de que “político é corrupto, é ladrão” etc. e que corresponde a uma construção emanada de uma opinião coletiva sustentada, de tempos em tempos, por acontecimentos amplamente divulgados pelas mídias,

O autor explica que a despeito de os analistas do discurso, tais como Dominique Maingueneau, enfatizarem que o *ethos* pertence ao discurso, ele entende que o *ethos*, “enquanto imagem que se liga àquele que fala, não é uma propriedade exclusiva dele; ele é antes de tudo, a imagem de que se transveste o interlocutor a partir daquilo que diz” (CHARAUDEAU, 2008, p. 115). Aludindo ao que propõe Maingueneau sobre o “tom” e “corporalidade” do *ethos*, Charaudeau explica que “o *ethos* apóia-se em um duplo imaginário corporal e moral ou que é um imaginário que aqui se ‘corporifica’”.

Com base nessas considerações, o autor propõe, então, uma tipificação dos *ethé* políticos, relacionando-os aos pronunciamentos variados de políticos franceses contemporâneos. Faremos, neste capítulo, a recuperação dessa tipologia relacionando-a a pronunciamentos de políticos brasileiros e estrangeiros bastante conhecidos e que frequentam a cena política e midiática do nosso tempo.

2.1 O que caracteriza o discurso político?

Para entendermos, ou mesmo discorrer, sobre o discurso político o primeiro passo é entendermos o que é a política. Segundo CHARAUDEAU (2008, p, 27), “ Em virtude de ter nascido com o desejo de organizar a vida dos indivíduos em comunidade, a política se concretiza mediante várias atividades de regulamentação

social.” Ou seja, a política serve para gerir a harmonia e as necessidades de uma comunidade. Ainda na análise de Patrick Charaudeau (2008, p.27):

Regular relações de força com vistas a manter ou aplinar certas situações igualitárias entre os indivíduos; legislar, mediante a promulgação de leis e de sanções, orientando os comportamentos dos indivíduos para preservar o bem comum; distribuir e repartir as tarefas, os papéis e as responsabilidades de uns e de outros mediante a instalação de um sistema de delegação e de representação mais ou menos hierarquizado (por nomeação ou por eleição).

O discurso político faz parte de mais um dos numerosos domínios de emprego da linguagem, relacionado a uma prática social:

O discurso político é, por excelência, o lugar de um jogo de máscaras. Toda palavra pronunciada no campo político deve ser tomada ao mesmo tempo pelo que ela diz e não diz. Jamais deve ser tomada ao pé da letra, numa transparência ingênua, mas como resultado de uma estratégia cujo enunciador nem sempre é soberano. (CHARAUDEAU, 2008, p.08)

Charaudeau ainda faz um paralelo entre as máscaras e suas interpretações nesse teatro que é o discurso político:

Sendo o sentido que nasce de todo ato de linguagem o resultado do encontro entre um sujeito que enuncia e outro que interpreta, cada qual agindo em função daquilo que imagina do outro, pode-se dizer que a identidade desses sujeitos não é nada mais que a imagem co-construída que resulta desse encontro. Assim, cada um é para o outro apenas uma imagem, Não absolutamente uma imagem falsa, uma aparência enganosa, mas uma imagem que é o próprio ser em sua verdade da troca. Nesse momento, a máscara seria nossa imagem seria nosso ser presente; ela não dissimularia, ela nos designaria como sendo nossa imagem diante do outro. No entanto, várias máscaras são possíveis, e , portanto, várias identidades são possíveis: mudamos a situação de troca, substituímos as máscaras . Assim sabendo-o, pode-se jogar com as máscaras, e o outro , que também o sabe, entrará no jogo. Tiramos a máscara e o que encontramos sob ela...? Outra máscara, depois outra e depois mais outra. A máscara é o que constitui a nossa identidade em relação ao outro. Em outros termos, no que é dito, há sempre o que é dito e o que não o é, um não-dito que, entretanto, também se diz. (CHARAUDEAU 2008, P. 8)

2.2 Sujeito político e identidade: a questão da legitimidade

Cada indivíduo tem suas próprias experiências que ficam gravadas no seu histórico de vida, mas também está preso a uma coletividade que partilha com

outros, pois a sua história é entremeada do passado cultural e social do grupo em que está inserido. A identidade do sujeito político é, também, parte de uma encenação onde diversos atores representam seus papéis. Segundo CHARAUDEAU (2008 p. 64):” O campo político é encenado de forma que diversos atores representam as comédias, os dramas ou as tragédias do poder mediante relações de legitimidade, de credibilidade e de cooptação.“ Charaudeau ainda explica sobre o “ser de palavra” e sua dualidade, mostrando que ele sempre se refugia na legitimidade do seu “ser social” e no que ele constrói com seu discurso e coloca em questão a veracidade desses “seres”:

O ser de palavra, quer se queira quer não, é sempre duplo. Uma parte dele mesmo se refugia em sua legitimidade de ser social, outra se quer construída pelo que diz seu discurso. Qual das duas é verdadeira? A segunda não faria senão esconder a primeira? Não, pois esta não poderia existir sem aquela; ela não adquire sentido a não ser em relação à primeira, da qual é tributária. Nunca se esconde que e qual predomina; as duas se interpelam. (CHARAUDEAU, 2008, p. 64)

Quando um indivíduo se cobre com a “pele” do político ele se reveste de uma legitimidade que é conquistada e aceita de uma forma natural pela sociedade. Essa legitimidade lhe imputa um poder. Esse poder só é legitimado se reconhecido pelos outros indivíduos. Para Charaudeau legitimidade se define como:

A legitimidade é realmente o resultado de um reconhecimento, pelos outros, daquilo que dá poder a alguém de fazer ou dizer em nome de um estatuto (ser reconhecido em função de um cargo institucional), em nome de um saber (ser reconhecido como sábio), em nome de um saber-fazer (ser reconhecido como especialista). Não se confundirá, portanto, legitimidade e credibilidade: a primeira determina um direito do sujeito de dizer ou de fazer; a segunda, uma capacidade do sujeito de dizer ou de fazer. Questionar a legitimidade é questionar o próprio direito e não a pessoa, questionar a credibilidade é questionar a pessoa, uma vez que ela não apresenta provas de seu poder de dizer ou de fazer. (CHARAUDEAU, 2008, p.67)

Charaudeau ainda lista suas comparações de legitimidade e autoridade, legitimidade e soberania política, legitimidade por filiação, legitimidade por formação. Mas a que mais nos interessa nesse estudo é a legitimidade por mandato:

A legitimidade por mandato tem origem na tomada do poder pelo povo, que se opõe à soberania de direito divino ao tomar consciência de que esta lhe é imposta. Segundo essa legitimidade, é o povo que tem o direito de governar para seu

próprio bem. É ele que se constitui ao mesmo tempo como doador e beneficiário de sua própria busca de felicidade, instaurando, assim, uma legitimidade fundada no igualitarismo e no direito dos indivíduos de construir um destino coletivo que se opõe a toda soberania autárquica. (CHARAUDEAU, 2008, p.73)

2.3 Tipos de *ethos* político: as imagens dos atores políticos.

Neste trabalho já falamos sobre o *ethos* da perspectiva de Aristóteles e de Dominique Maingueneau. Para Patrick Charaudeau (2008, p. 117): “O *ethos* está relacionado à percepção das representações sociais que tendem a essencializar essa visão, ele pode dizer respeito tanto a indivíduos quanto a grupos.”

A diversidade de indivíduos e de como se comportam perante uma situação faz com que esses indivíduos coloquem em destaque os seus pontos fortes para a sedução do leitor, ouvinte e telespectador. E obscureça os seus pontos negativos, fazendo uma encenação de “jogar a sujeira para debaixo do tapete”,

aproveitando, apenas, o que é agradável ao outro e a si mesmo. Segundo Charaudeau (2008, p.116):

Há uma espécie de desejo de essencialização tanto por parte do locutor quanto da do interlocutor, nessa busca de sentido do discurso. Barthes define o *ethos*, afirmando que o orador que enuncia diz: “Sou isto, não sou aquilo” [...] “Eu sou o que desejo ser, sendo efetivamente o que digo que sou.” (CHARAUDEAU 2008, p.116)

Porém esse jogo de imagens de si nem sempre é o que realmente o indivíduo quer dar para o leitor, ouvinte, telespectador ou interlocutor. Ele pode acreditar estar passando uma imagem com seu discurso, mas pode estar equivocado.

[...] o *ethos* não é totalmente voluntário (grande parte dele não é consciente), tampouco necessariamente coincide com o que o destinatário percebe, reconstruído ou construído, o destinatário pode muito bem construir um *ethos* do locutor que este não desejou, como frequentemente acontece na comunicação política. (CHARAUDEAU, 2008, p. 116.)

Para que o sujeito falante seja pertinente e para que seu discurso tenha efeito, ele terá que se ater ao grupo social do qual faz parte, configurado como “imaginários sociodiscursivos”:

Na medida em que o *ethos* está relacionado à percepção das representações sociais que tendem a essencializar essa visão, ele pode dizer respeito tanto a indivíduos quanto a grupos. Em último caso, os grupos partilham com os outros membros desse mesmo grupo caracteres similares, que, quando vistos de fora, causam a impressão de que esse grupo representa uma entidade homogênea. Uma vez mais, ele é reduzido à sua essência por um olhar exterior, fato que engendra estereótipos como os que dizem que “os franceses são chauvinistas, os ingleses, fleumáticos, os italianos, falastrões, os alemães, austeros etc.” (CHARAUDEAU, 2008, p.117)

Esses estereótipos fizeram com que Patrick Charaudeau (2008) propusesse alguns tipos de *ethé* que são identificados nos discursos políticos. Propomo-nos, em segui-la, a fazer um exercício estabelecendo um paralelo entre os *ethé* propostos por Charaudeau e figuras conhecidas da política nacional e internacional.

2.3.1. *Ethé de credibilidade:* segundo o autor, a credibilidade “é resultado da construção de uma identidade discursiva pelo sujeito falante” (CHARAUDEAU, 2008, p. 119).



Figura 1: Presidente Lula. Disponível em acertodecontas.blog.br/.../lula3.thumbnail.jpg, Acesso em 23/07/ 2009.

A sinceridade, a autenticidade, a transparência, a performance e a eficácia são condições de credibilidade discursiva, pois é nelas que se assenta o crédito que damos ao enunciador. Quando pensamos no poder da informação em nossos tempos, em que o que alguém diz hoje pode ser confrontado com o que diz amanhã, podemos entender como a manutenção desse *ethos* é complexa, em, especial no campo da política.

Acreditamos que o efeito de credibilidade pode ser sentido de forma mais acentuada na figura e discurso do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que, em entrevista a revista VEJA, de 02 de janeiro de 2006, disse que “o PT iria ‘sangrar muito’ para recuperar a credibilidade perdida junto do eleitorado”¹. Depois do uso de caixa 2 nas campanhas eleitorais e do escândalo do Mensalão², disse que o partido

1 Disponível em <http://veja.abril.com.br/noticia/arquivo-2006/depois-escandalos-lula-diz-pt-vai-sangrar-muito-ate-recuperar-credibilidade-330829.shtml>. Acessado no dia 23 de julho de 2009.

2 Em 2006, escândalos ligaram a imagem do PT – Partido dos Trabalhadores - à lavagem de dinheiro, subornos e desvio de verba pública.

não pode ser condenado pelo “erro de alguns”. Acreditamos que esse discurso seria descrito como mais uma utilidade do “efeito teflon”³, ou seja, nada de ruim “adere” à imagem do político. O Partido dos Trabalhadores (PT) sofreu, e ainda sofre, com a falta de credibilidade perante o eleitorado, mas Lula saiu ileso do episódio⁴. Essa “armadura” que chamamos de credibilidade faz com que outros personagens tentem se conectar positivamente a esse tipo de *ethos*.

"Uma luta não se faz sem dor, sem sofrimento. Já perdemos tantas pessoas que morreram jovens, velhos revolucionários. O que é importante, companheiros, é que, processados ou não, nada que nos aconteça pode nos esmorecer. Vivemos em média 70 anos. Não temos o direito de sermos derrotados" (Discurso de Lula no 3º Congresso Nacional do PT)⁵

3 O “efeito teflon” foi utilizado pela primeira vez no dia 16 de agosto de 2000, pelo cientista político José Rubens Figueiredo, para explicar o baixo impacto negativo que escândalos têm na imagem de certos políticos. Nesse caso específico ele estava falando de Paulo Maluf: “a lama toda das denúncias contra Pitta não respinga em Maluf? “Ele é um político teflon, antiaderente”, diz Figueiredo. Em outras palavras, já passou por tanta coisa que, pelo menos para seu eleitorado cativo, não basta uma nova denúncia para derrubá-lo. “ Trecho retirado do site veja.abril.com.br , acessado no dia 25 de novembro de 2009.

4 Isso parece ser confirmado pela pesquisa do Datafolha , publicada em 01/ 01 /2009, que apontou que: “Com nota média de 7,9, presidente lidera ranking composto por 27 personalidades nacionais; 39% dos brasileiros lhe deram nota 10. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva é a pessoa mais confiável para os brasileiros, segundo ranking com 27 personalidades elaborado pelo Datafolha”

Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc0101201004.htm>. Acesso em 01/01/2009.

⁵ Disponível em http://www.estadao.com.br/nacional/not_nac44784,0.htm. Acessado no dia 23 de junho de 2009.

É também exemplar o episódio da batalha entre as emissoras de TV, Rede Globo e Rede RECORD (2009), em que a Globo acusou a



Figura 2 – Presidente Lula e o bispo Edir Macedo. Disponível em Macedorizzolot.files.wordpress.com/.../lula-edir.jpg. Acesso em 10/08/2009

RECORD, em uma reportagem exibida no Jornal Nacional, de explorar indevidamente a fé dos membros da Igreja Universal do Reino de Deus⁶. Em resposta, o Bispo Edir Macedo ligou-se ao presidente Lula, aproveitando o efeito positivo que a imagem do presidente causa na opinião pública. Com isso o bispo esperava passar a imagem de pária, de perseguido pela da Rede Globo para a população geral. Já para os fiéis de sua igreja passou a imagem de perseguido da mesma forma como Cristo foi perseguido pelos fariseus, depois preso pelos romanos. Resumindo, Rede Globo está para Herodes como Edir Macedo está para Jesus Cristo.

Em 1989, o então candidato a presidência, Fernando Collor, foi visivelmente beneficiado pela parcialidade da emissora nos debates da campanha à presidência da república de 1989. Naquela ocasião, o debate foi editado em um

⁶ Em 2006 escândalos ligaram a imagem do PT – Partido dos Trabalhadores - à lavagem de dinheiro, subornos e desvio de verba pública.

compacto no noticiário exibido pela REDE GLOBO, o JORNAL HOJE, e mostrava-se a favor do Collor. Até hoje o responsável pela edição jornalística do debate, o jornalista Ronald de Carvalho, sofre as consequências negativas por ter feito de forma pouco profissional o compacto desse debate⁷. A REDE GLOBO e a REDE RECORD usaram exaustivamente seus veículos para mostrar as debilidades uma da outra em busca da credibilidade que as emissoras querem conquistar de seus telespectadores.

Charaudeau cita os *ethé* de credibilidade:

[...] o resultado da construção de uma identidade discursiva pelo sujeito falante, realizada de tal modo que os outros sejam conduzidos a julgá-lo digno de crédito. O sujeito que fala – no caso, o político – deve, portanto, tentar responder à seguinte pergunta: como fazer para ser aceito? Para isso, ele próprio deve fabricar uma imagem que corresponda a essa qualidade. (CHARAUDEAU, 2008, p.119).

2.3.1.1 Ethos de seriedade - o político pernambucano Jarbas Vasconcelos, em uma entrevista para *Veja*, publicada em suas “Páginas amarelas”⁸ incorpora o que Charaudeau nomeia como *ethos* de sério. Sua postura e o discurso proferido só fazem corroborar esse *ethos*, pois refere-se se ao PMDB, partido ao qual é filiado,

⁷ “Uma primeira edição do debate foi ao ar no jornal *Hoje*. Achei que estava desequilibrada, achei que não mostrava a vantagem do Collor. Eu mesmo tratei de refazer a edição, porque sabia que era uma missão delicada e não quis expor ninguém. Pensei assim: vou editar como se fosse um jogo de futebol. Se foi 5 a 1, e foi 5 a 1 para o Collor, mostrarei os cinco gols dele e o gol do Lula, De Ronald de Carvalho retirada do site <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/>, no dia 02 de dezembro de 2009.

⁸ CABRAL, Otávio, “O PMDB é corrupto”, *Veja*, , edição 2100, ano 42, nº 7, São Paulo: Editora Abril, 18 fev 2009. Disponível em <http://veja.abril.com.br/180209/entrevista.shtml>. Acesso em 04 jul 2009.



Figura 3 Senador Jarbas Vasconcelos. Disponível em blogdotcc.files.wordpress.com/2009/02/jv2.jpg. Acesso 04/08/2009.

como corrupto, sendo corruptos os seus integrantes, e que a eleição de José Sarney⁹ para o cargo de presidente do Senado era um retrocesso:

"A maioria se incorpora a essas coisas pelas quais os governos vêm sendo denunciados: manipulação de licitações, contratações dirigidas, corrupção em geral" (CABRAL, Otávio, Veja, 18 fev 2009.)

Sobre o *ethos* de seriedade Charaudeau diz:

Esse *ethos* é construído com a ajuda de diversos índices. Índices corporais e mímicos: certa rigidez na postura do corpo, uma expressão raramente sorridente na face. Índices comportamentais que revelam a capacidade de autocontrole diante das críticas, sangue-frio diante da adversidade, não se entregar a acessos de cólera nem mostrar que esta é contida (na verdade, calculada) com os objetivos táticos; índices que demonstram grande energia e capacidade de trabalho, onipresença em todas as linhas de frente da vida política e social, particularmente junto àqueles que sofrem. (CHARAUDEAU, 2008, p.120)

⁹ José Sarney é político nascido no Maranhão, peemedebista, que ascendeu à presidência da República após a morte do presidente eleito, Tancredo Neves, do qual era vice. Foi o primeiro presidente civil, pós ditadura militar(1985-1989). Seu governo foi marcado pela consolidação da democracia no Brasil, com a edição da Constituição Federal de 1988, mas também por uma grave crise econômica que evoluiu para uma hiperinflação histórica. Seu governo também ficou marcado por várias acusações de corrupção.

2.3.1.2 *Ethos* de virtude

- Charaudeau (2008, p.122) diz que “Esse *ethos* exige que o político demonstre



Figura 4 – Senador Eduardo Suplicy. Disponível em www.senado.gov.br/.../biografia/Fotos/08.jpg > Acesso 04/08/ 2009

sinceridade e fidelidade, a que se deve acrescentar uma imagem de honestidade pessoal”. Pensamos que é exemplar disso o *ethos* projetado discursivamente pelo Senador Eduardo Suplicy, político considerado pela população brasileira como um bom político em quem, mesmo com os problemas e escândalos vividos pelo seu partido, o Partido dos Trabalhadores – PT, no ano de 2006, nenhuma mancha “respingou”. No dia 25 de agosto de 2009, Suplicy foi um dos poucos políticos a manifestar-se contrariamente ao arquivamento dos processos contra o Presidente do Senado, Senador José Sarney¹⁰: nessa ocasião, mais uma vez, aludindo ao campo discursivo do futebol, de forma inusitada, demonstrou sua indignação ao mostrar um cartão vermelho para José Sarney. A repercussão entre os seus colegas

¹⁰ O Presidente do Senado, Senador José Sarney, em 2009 foi acusado de usar influência para contratação de parentes, tudo feito através dos “atos secretos”. Esses atos foram usados para nomear parentes, amigos, criar cargos e aumentar salários. Levantamento feito por técnicos do Senado, a pedido da primeira-secretaria, detectou cerca de 300 decisões que não foram publicadas, muitas adotadas há mais de 10 anos. Essas medidas entraram em vigor, gerando gastos desnecessários e suspeitas da existência de funcionários fantasmas. Disponível em <http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,senado-acumula-mais-de-300-atos-secretos-para-criar-cargos,385042,0.htm> Acessado em 17/01/2010.

foi muito ruim, mas para o povo, essa cenografia confirmou o ethos virtuoso de Suplicy.

Trata-se de um *ethos* discursivo virtuoso em que há retomada e aderência a um *ethos* pré-discursivo construído em entrevista ao Jornal da Band em 14 de fevereiro de 2006 , em relação à situação do PT e a crise do Mensalão de 2006, o jornalista Fernando Vieira de Melo pergunta a Eduardo Suplicy:

“A festa em comemoração dos 26 anos do Partido dos Trabalhadores foi até tarde ontem. O senhor acha que foi uma festa com gosto amargo ou o PT, para o senhor, já superou a crise e vai em ritmo de muita euforia para a reeleição do presidente Lula?”(Jornalista Fernando Vieira de Melo).

“Acho que vai com senso de responsabilidade de um partido que reconhece, que erros foram cometidos. E é importante que reconheçamos esses erros, mas venhamos, sobretudo, a agir em consonância com aquilo que sempre defendemos e para nós foi tão importante, seja a luta pela democracia, por ética na política, pela realização de justiça.” (Eduardo Suplicy em entrevista ao site - <http://www.band.com.br/primeirojornal/conteudo.asp?CNL=1&ID=10629>. Acesso em 04 de Agosto de 2009).

2.3.1.3 *Ethos de competência* : exige do enunciador a habilidade e o saber, pois o discurso deve revelar que realmente conhece o seu trabalho e do que está falando. O *ethos* competente do político Paulo Maluf projeta a imagem de um homem de ação, que faz e que mostra o que fez. Essas características construíram a imagem de um enunciador competente e Maluf conseguiu seguidores fiéis que o acompanham em todas as eleições, tanto que apesar de muitos revezes com o fisco e com a ética política ele conseguiu se eleger como deputado federal pelo estado de São Paulo no ano de 2007. O seu discurso invariavelmente refere-se às suas

realizações como governador ou prefeito podem ser vistas na forma de rodovias,

DEPUTADO FEDERAL

Paulo Maluf



Figura 5- Deputado Paulo Maluf. Disponível em oglobo.globo.com/.../04_MHG_pais_maluf324435.jpg. Acesso 28 //09/2009.

ferrovias, pontes, hidrelétricas que contribuíram para o crescimento e enriquecimento da cidade de São Paulo e do Estado de São Paulo. É exemplar o trecho de uma entrevista cedida pelo político Maluf a Haroldo Ceravollo do UOL Notícias (28 de setembro de 2009)¹¹, em que ele fala sobre o projeto de melhorar a Marginal Tietê:

Aí tem duas correntes. Uma dos ecólogos, que querem que o Brasil e o mundo voltem à idade da pedra. Na idade da pedra, o homem precisava de uma tanga e um pouco de carne crua. Não precisava de televisão, de rádio, de jornal, de teto, de luz, de nada disso. Não precisava ir ao dentista, não precisava de assistência médica, não tomava remédio. Também a vida média era de 35 anos. Eu não faria o projeto do Serra, não porque o projeto dele seja ruim, o projeto dele é bom. Eu faria o meu projeto, que é melhor, as freeways. As freeways não tiravam uma árvore da Marginal, não tiravam nada. Elas iam na margem existente. Em vez de você ter as margens do rio a 45°, nós íamos fazer as margens do rio a 90°, o que aliás estava no meu projeto quando eu fui candidato a prefeito. Eu não sou contra o projeto do Serra, não, mas eu acho que o meu projeto era melhor.

Sobre o *ethos* de competência Charaudeau diz:

¹¹ Haroldo Ceravollo Sereza do UOL Notícias Em São Paulo 28 de setembro de 2009. Disponível em noticias.uol.com.br/politica/2009/09/.../ult5773u2586.jhtm. Acesso em 28/09/2009

Ele deve ter conhecimento profundo do domínio particular no qual exerce sua atividade, mas deve igualmente provar que tem os meios, o poder e a experiência necessários para realizar completamente seus objetivos, obtendo resultados positivos. (CHARAUDEAU, 2008, p.125)

Charaudeau ainda explicita sobre a classe política:

Os políticos devem, portanto, mostrar que conhecem todas as engrenagens da vida política e que sabem agir de maneira eficaz. É pela visão do conjunto do percurso de um político que se pode julgar seu grau de competência (o que coloca um problema para os jovens que começam na política e não podem ainda se valer de um longo percurso). Acontece, às vezes, de ser o próprio político que evidencia em suas declarações as características de seu percurso para invocar esse *ethos* de competência: herança, estudos, funções exercidas, experiência adquirida. (CHARAUDEAU, 2008, p.125)

O político sabe que os traços pessoais de caráter, a corporalidade, o comportamento e suas declarações são atentamente observados pelos seus interlocutores que atribuem valores positivos e negativos aos discursos proferidos e à imagem de si que propõem.

2.3 2. *Ethé* de identificação - Charaudeau (2008, p.137) propõe que a construção do *ethos* é:

[...] uma relação triangular entre si, o outro e um terceiro ausente, portador de uma imagem ideal de referência: o si procura endossar essa imagem ideal o outro se deixa levar por um comportamento de adesão à pessoa que a ele se dirige por intermédio dessa mesma imagem ideal de referência. (CHARAUDEAU, 2008, p.137)

Essa identificação do “si”, do “outro” e do “terceiro” fazem parte do que Charaudeau denomina *ethos* de identificação.

Para Charaudeau (2008) é muito complexa a descrição e tipificação dos *ethé* de identificação, visto a heterogeneidade, a vaguidão das imagens a que eles se ligam. Ou seja, há uma profusão de *ethé* que podem produzir efeito de identificação com o eleitorado e os políticos sabem disso, daí jogarem, muitas vezes, até com valores opostos, provocando efeito de incoerência para alguns, mas talvez para outros o efeito seja de versatilidade. Assim, um político pode projetar um *ethos*

de moderno e, ao mesmo tempo, um outro de *tradicional*, buscando aproximar-se de distintos grupos de eleitores.

Alertando para essa profusão de *ethé* de identificação, Charaudeau (2008, p. 138) explica que uns são mais voltados para traços “dos políticos enquanto pessoas: o *ethos* de ‘potência’, o *ethos* de ‘caráter’, o *ethos* de ‘inteligência’, e o *ethos* de ‘humanidade’”. Para ele, o *ethos* de chefe, por exemplo, é orientado para o cidadão, pois considera “uma relação necessária entre si e o outro.”

A seguir, apresentamos a relação desses *ethé*, tais como propostos por Charaudeau (2008), buscando relacioná-los aos discursos e imagens de políticos conhecidos.

.2.3.2.1 *Ethos* de potência –



Figura 6 – Presidente Fernando Collor de Mello. Disponível em <http://www.auxiliarpano.blogger.com.br/collor.JPG> . Acesso em 25/11/2009.

Para esse *ethos* tomamos como exemplo o discurso proferido pelo ex-presidente Fernando Collor de Mello¹², com seu vestuário, seus gestos. Logo após a

¹² Primeiro governo civil brasileiro, eleito por voto direto desde 1960. Foi também o primeiro escolhido dentro das regras da Constituição de 1988, com plena liberdade partidária e eleição em dois turnos. Collor, ex-governador de Alagoas, político jovem e com amplo apoio das forças conservadoras, derrotou no segundo turno da eleição, Luiz Inácio "Lula" da Silva

Disponível em <http://www.sampa.art.br/biografias/collor/>

Acesso em 17/01/2010.

volta do seu auto-imposto exílio em Miami Fernando Collor se apresentou em vários programas de entrevistas do cenário midiático nacional. Ele exibia tatuagens nas costas e nos braços. No pulso um relógio Navy Seal, usado pelos Marines americanos. Mas o que marcou o seu *ethos* de potência com maior evidência foi a frase propalada por ele em que dizia que tinha “aquilo roxo”.

Geralmente os detentores desse tipo de *ethos* apresentam um tipo de comportamento que os levam a parecer que são os legisladores e executores do mundo e para que isso se torne mais verossímil as atitudes, o palavreado utilizado e os gestos são fortes e rebuscados, talvez para mostrar o quão cheio de testosterona eles estão.

O *ethos* de potência é mais masculino do que feminino, pois está ligado à virilidade, nem sempre explicitamente declarada, à impetuosidade, às proezas físicas, às encenações que glorificam a força. Interdiscursivamente, esse tipo de *ethos* retoma os super-heróis de todos os tempos e que povoam o imaginário infanto-juvenil: Super-Homem, Batman, Tarzan, He Man, entre tantos outros.

Na edição de 03 de Dezembro de 1997 da revista “Isto é”, Collor cedeu uma entrevista ao jornalista Hélio Campos Mello na qual explica como foi o discurso onde ele vocifera a frase do “aquilo roxo”:

“Havia gente pra danar. Até o Frei Damião estava lá. Tinha um grupinho do PT e da CUT fazendo manifestação, mas era café pequeno. O Ciro fala um minuto ou dois e termina. Eu fiquei tão indignado com aquela covardia, aquela falta de peito. Logo ele, que era governador. E foi nessa ocasião que surgiu a frase daquilo roxo. Eu me lembro que olhava para ele e dizia: "Governador eu quero contar ao senhor uma história. Meu pai, quando eu nasci, me disse que eu tinha aquilo roxo, viu governador, porque eu não tenho medo disso não, governador." Quando eu o vejo que nem um franguinho garnisé, todo espevitado, eu digo que não é esse que eu conheço na hora de enfrentar uma parada.” Disponível em www.patio.com.br/labirinto/site/roxo.htm Acessado em 25/11/2009.

Charaudeau ainda explica:

O *ethos* de potência é visto como uma energia física que emerge das profundezas terrestres, anima e impulsiona os corpos na ação. Ele nos remete à imagem de uma “força da natureza”, força telúrica contra a qual não se pode grande coisa.[...] Apresentação de si como vociferador pela voz e pelo verbo e exercer uma violência verbal em relação a adversários políticos.[...] não é apenas um homem de palavras, mas um

homem de ação. Mostra-se que se é ativo, presente em todas as frentes, mas de maneira coordenada, quase militar ou esportiva, como as maratonas nas campanhas eleitorais realizadas de modo ordenado. (CHARAUDEAU, 2008, p.139)

2.3.2.2 Ethos de caráter – como no *ethos* de potência, o *ethos* de caráter também participa do imaginário de força que é reconhecido pelos eleitores. Mas a força da qual Charaudeau fala é a força de espírito:

A vituperação que brada, critica e indigna-se ao exprimir-se aos “berros”. Essa figura não deve ser confundida com a do “vociferador”, que corresponde ao *ethos* de “potencia”. Esta última resulta de uma manifestação imperiosa do corpo que provém de pulsões não controladas. Aqui, ao contrário, o berro é dominado, ele testemunha uma indignação pessoal e provém de um julgamento da mente, que tem necessidade de ser expresso com força. (CHARAUDEAU, 2008, p.140)

Um exemplo claro desse tipo de *ethos* é o da ex-ministra e candidata à presidência da república em 2010, Marina Silva, que muitas vezes mostrou em seu discurso



Figura 7 – Ex ministra Marina Silva. Disponível em <http://www.94fm.com.br/userfiles/image/marina-silva.jpg>. Acessado em 12/09/2009.

indignação, força contida, dominada.

O texto a seguir é exemplar desse tipo de *ethos* e mostra como a sua indignação é realmente contida e suas pulsões são controladas:

"É lamentável que, muitas vezes, quando se tomam as atitudes corretas para combater o dolo e o crime fundamental, as pessoas confundam essas atitudes com atos contrários ao desenvolvimento da Amazônia. Os que promovem esse tipo de coisa são os maiores inimigos da Amazônia e da sua soberania." (A observação indignada foi feita pela senadora Marina Silva (PT-AC), em discurso no Plenário a respeito da invasão do escritório regional do Incra em Paragominas, Pará.)
Jornal do Senado, 01 de dezembro de 2008. ¹³

2.3.2.3 Ethos de inteligência - o ex presidente do Brasil Fernando Henrique Cardoso ficou famoso não só por estar no governo quando conseguiu estabilizar a economia lançando o Real. Mas também como dono de uma inteligência ímpar. Essa pelo menos era a impressão que ele causava nos que o ladeavam.



Figura 8 – Presidente Fernando Henrique Cardoso. Disponível em http://www.planalto.gov.br/Infger_07/presidentes/imagens/fhc-2.jpg. Acesso em 25/11/2009.

E para a validação dessa identificação, lembremos dele laureado como Doutor *honoris causa* de diversas universidades durante seu governo: Coimbra,

¹³ Disponível em <http://t2.gstatic.com/images?q=tbn:ED6iURD-xk9I3M:http://www.gospelprime.com.br/wp-content/uploads/2009/09/marina-silva.jpg> . Acesso em 25/11/2009.

Montreal e Sorbonne. Em 31 de outubro de 2001, foi publicado, na íntegra, o discurso de Fernando Henrique Cardoso proferido na Assembleia Nacional da França exprime os índices do *ethos* proposto:

“Sou egresso da Universidade de São Paulo, onde usufruí do legado que lá deixaram Roger Bastide, Claude Lévi-Strauss e Fernand Braudel. Aprendi a sociologia do trabalho com George Friedmann e Alain Touraine, a quem tanto devo intelectualmente. Nos anos sessenta, o exílio me trouxe a Paris. Vivi de perto os dias libertários de maio de 1968. Estive em Nanterre, onde ensinei sobre a América Latina, mas aprendi bem mais”

Disponível em www.braseuropa.be/assembleiafranca.
Acessado em 25/11/2009.

Charaudeau explica que :

O *ethos* de “inteligência” faz parte dos *ethé* de identificação na medida em que pode provocar a admiração e o respeito dos indivíduos por aquele que demonstra tê-lo e assim os faz aderir a ele. A inteligência é uma característica humana difícil de ser definida, mas aqui se trata de considerá-la um imaginário coletivo que testemunha a maneira como os membros de um grupo social a concebem. Tratando-se do político, a inteligência é percebida não em função da maneira como ele age e fala durante os acontecimentos políticos, mas também pelo que se pode apreender de seu comportamento em sua vida privada. (CHARAUDEAU, 2008, p.145).

2.3.2.4 *Ethos* de humanidade



Figura 09 – Presidente Bill Clinton e Monica Lewinski. Disponível em www.time.com/time/covers/0,16641,19990222,00.html. Acesso em 18/07/2009

- Para que exista uma empatia entre o político e o seu eleitorado, muitas vezes ele tem que mostrar que é um ser humano, passível de erros, como é o caso de Bill Clinton com a estagiária Monica Lewinski, ou mais recentemente o

caso do presidente do Paraguai que assumiu, tardiamente os filhos que teve quando ainda era Bispo da Igreja Católica. Mas também é magnânimo e sabe perdoar quem, publicamente, lhe fez mal, como Hillary Clinton, que perdoou o marido traidor.

Para esse tipo de comportamento Charaudeau define o *ethos* de humanidade:

O *ethos* de humanidade constitui igualmente um imaginário importante para a imagem do político. O ser humano é mensurado pela capacidade de demonstrar sentimentos, compaixão para com aqueles que sofrem, mas o é também pela capacidade de confessar suas fraquezas, de mostrar quais são seus gostos, até os mais íntimos: "Para ser um homem público, não é preciso ser menos homem". (CHARAUDEAU, 2008, p.148).

2.3.2.5 *Ethos* de chefe - segundo Charaudeau:



Figura 10– Presidente Getúlio Vargas. Disponível em www.academia.org.br/.../sys/start.htm?sid=335. Acesso em 02/09/2009.

Mais que os precedentes, o *ethos* de chefe se direciona para o cidadão. Como foi dito no início, o *ethos* é voltado ao mesmo tempo para si e para o outro. Ele é uma construção de si para que o outro adira, siga, identifique-se a este ser que supostamente é representado por um outro si-mesmo idealizado. [...] é como se, consciente de sua incapacidade de se determinar e de ver qual é seu destino, o grupo tivesse necessidade de ressuscitar a existência de um ser superior, capaz de guiá-lo em meio aos acasos do tempo, à fortuna da vida e às peripécias do mundo. Esse guia pode ser originário do grupo ou exterior a ele. (CHARAUDEAU, 2008, p.154)

Esse tipo de *ethos* possui uma enorme quantidade de exemplos na recente história da política mundial. Na sua maioria ditadores sul-americanos que, com um suporte da propaganda política, conseguiram construir para si imagens de “homens necessários” para o sucesso dos países. Na Venezuela, temos Hugo Chavez que quer comandar a América Latina com seu carisma duvidoso, amado por uns e odiado por muitos. Na Bahia, o falecido político Antonio Carlos Magalhães tinha a característica de chefe, no seu caso em particular, de “coronel”. Durante a velha república o Brasil teve o exemplo mais contundente no ex-presidente Getúlio Vargas. Segundo relatos de cidadãos que viveram a sua época não houve presidente melhor que Getúlio. Era conhecido por seus simpatizantes como “pai dos pobres”. Mesmo que a história escrita diga o contrário.

2.3.2.6 *Ethos* de solidariedade_ - Charaudeau finaliza o seu estudo desses estereótipos dos *ethé* com o *ethos* de solidariedade:

O *ethos* de solidariedade faz do político um ser que não somente está atento às necessidades dos outros, mas que as partilha e se torna responsável por elas. A solidariedade caracteriza-se pela vontade de estar junto, de não se distinguir dos outros membros do grupo e, sobretudo, de unir-se a eles a partir do momento em que se encontrarem ameaçados. Aquele que é solidário não está numa posição diferente da dos outros; ele partilha as mesmas ideias e os mesmos pontos de vista de seu grupo e vai ao encontro das ideias e dos pontos de vistas dos outros grupos. (CHARAUDEAU, 2008, p.163)

Como exemplo desse tipo de *ethos* podemos citar Maria Eva Duarte, mais conhecida como Evita Perón¹⁴, argentina pobre nascida na província de Los Toldos, que conquistou um tipo de poder diferente do poder das urnas. Ela conseguiu ser adorada pela população de baixa renda, aos quais ela chamava de “descamisados”, em sua maioria migrantes, oriundos da zona rural. Ela se

¹⁴ Atriz e líder política argentina (7/5/1919-26/7/1952). Nasce em Los Toldos, próximo a Buenos Aires, em uma família pobre. Com 16 anos, decide seguir a carreira artística e muda-se sozinha para a capital argentina. Em 1937 estréia no cinema no filme *Segundos Afuera* e, em seguida, é contratada para fazer radionovelas. Em 1944 conhece Juan Domingo Perón, então vice-presidente da Argentina e ministro do Trabalho e da Guerra. No ano seguinte, Perón é preso por militares descontentes com sua política, voltada para a obtenção de benefícios para os trabalhadores. Evita, então apenas a atriz Eva Duarte, organiza comícios populares que forçam as autoridades a libertá-lo. Embalsamado, seu corpo fica exposto à visitação pública até que, durante o golpe de Estado que derruba Perón em 1955, seus inimigos políticos sequestram o cadáver e o ocultam durante 16 anos. Disponível em <http://www.brasile Escola.com/biografia/eva-peron.htm> Acessado em 17/01/2010

transformou na voz do Peronismo e, mais tarde, conseguiu sobrepujar o marido Juan Perón tornando-se a alma do movimento.



Figura 11 - Evita Perón. Disponível em www.nyu.edu/classes/keefer/ww1/evita4.jpg. Acesso em 24/11/2009.

Ficou conhecida como a “mãe dos pobres” e, por isso, causava grande impacto quando aparecia em público, sempre muito elegante e carismática, talvez uma herança de seu passado como atriz de novelas de rádio. Levava ao povo a sensação de que ela poderia amainar as dores, como uma mãe que acolhe o filho, do trabalhador “explorado”

“Quando escolhi ser "Evita" sei que escolhi o caminho do meu povo. Os homens do governo, os dirigentes políticos, os embaixadores, os homens de empresa, profissionais, intelectuais, etc., que me visitam costumam me chamar de "Senhora"; "Excelentíssima ou Digníssima Senhora" e ainda, às vezes, "Senhora Presidenta". Eles não vêem em mim mais do que a Eva Perón. Os descamisados, no entanto, só me conhecem como "Evita". Eu me apresentei assim pra eles, por outra parte, no dia em que saí ao encontro dos humildes da minha terra dizendo-lhes que preferia ser a "Evita" a ser a esposa do Presidente se esse "Evita" servia para mitigar alguma dor ou enxugar uma lágrima. Se me perguntassem o que é que eu prefiro, minha resposta não demoraria em sair de mim: gosto mais do meu nome de povo. Quando um garoto me chama de "Evita" me sinto mãe de todos os garotos e de todos os fracos e humildes da minha terra. Quando um operário me chama de "Evita" me sinto com orgulho "companheira" de todos os homens".¹⁵ (Eva Perón Agência Terra 26 de julho de 2002

¹⁵ Reprodução de discurso de Eva Peron pela EFE - Agência EFE, Disponível em www.mibasquerido.com.ar/Personagens02.htm. Acesso em 24/11/2009.

3. CENOGRAFIA E *ETHOS* NO DEBATE POLÍTICO

Não há nada de errado com aqueles que não gostam de política, simplesmente serão governados por aqueles que gostam.

Platão.

Neste capítulo temos como proposta a análise da trajetória de vida pública e a construção do *ethos* político de Marta Suplicy. Esse percurso é essencial para que possamos entender de onde a candidata veio, como se deu a sua formação, por quais caminhos ela passou até chegar ao enfrentamento discursivo nos debates pela TV com o seu oponente nas eleições municipais paulistanas em 2008. Dessa maneira, poderemos analisar os tipos de *ethé* que parecem aflorar no discurso da candidata nos dois debates selecionados como *corpus* desse trabalho.

3.1 Marta Suplicy: trajetória pública e construção de um *ethos* pré-discursivo



Figura 12 Marta Suplicy aos 17 anos. Disponível em <http://t0.gstatic.com/images?q=tbn:WghwbFYMwLC92M:http://1.bp.blogspot.com>, Acesso em 10 de setembro de 2009.

Para os políticos que circulam com facilidade pela cena midiática, a ausência de aderência a um *ethos* pré-discursivo, conhecido publicamente, pode causar alguns problemas. Ao que parece, isso foi o que aconteceu com a candidata Marta Suplicy na corrida para a vaga de prefeito nas eleições municipais da cidade de São Paulo no ano de 2008, quando ela concorria com o então prefeito Gilberto Kassab do DEM.

O *ethos* pré-discursivo da candidata, tal como construído publicamente pela mídia, é o de uma mulher fina, elegante, criada e educada nas melhores instituições européias, mas também o de uma mulher com posturas modernas, adiante do seu tempo. Marta Teresa Smith de Vasconcelos veio de uma família estruturada: seu pai era Luís Alfredo Smith de Vasconcelos, de ascendência nobre, filho do terceiro dos barões de Vasconcelos. Em 1964, Marta casou-se com Eduardo Matarazzo Suplicy, bisneto do conde Francesco Matarazzo, um dos industriais mais importantes da cidade, e teve três filhos. Esses traços sugerem a adesão a um estereótipo de refinamento que ela, durante sua carreira política, em especial, quando foi prefeita de São Paulo (2001-2004), também projetou.

Formou-se em Psicologia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, fez pós-graduação na Universidade de Stanford em 1973, o que a qualificou para atuar como sexóloga no programa TV Mulher, da Rede Globo de Televisão entre os anos de 1980 e 1986, com o nome pelo qual se tornou nacionalmente conhecida - Marta Suplicy - e que manteve mesmo após o divórcio em 2001.

Como podemos ver ela foi exposta à mídia muito antes de entrar propriamente para o mundo da política, apesar de sua filiação ao PT datar de 1983. Ficou famosa como sexóloga, uma mulher à frente do seu tempo que sempre tivera espaço na televisão. Depois da massificação do ideal brasileiro feminino moderno retratado na série televisiva Malu Mulher¹⁶, que ressaltava as agruras pelas quais a mulher da década de 1970 estava passando, deixando de ser submissa ao homem, até então o provedor ou chefe de família, para ser livre e fazer as suas próprias escolhas. Com essa liberação feminina tardia no Brasil, o público feminino ganhou espaço na TV brasileira com programas voltados a essa nova mulher. A nova



Figura 13. Disponível em: www.globo.com/imagem.asp?Imagem. Acesso em 23 de junho de 2009.

¹⁶ Malu Mulher foi um programa do final da década de 1970 que mostrava as dificuldades encontradas pelas mulheres divorciadas, maduras para se posicionar na sociedade, na família, na relação homem-mulher. Disponível em <http://www.teledramaturgia.com.br/malu.htm>. Acesso em 11/01/2010.

linguagem televisiva assustava os conservadores que não entendiam “as modernidades” desses programas. O programa de maior sucesso voltado para esse tipo de público foi o TV MULHER, da REDE GLOBO (1980-1986), que tinha no seu time de apresentadores nomes como Ney Gonçalves Dias, Marília Gabriela, Clodovil e Marta Suplicy. No programa, Marta, ancorou um quadro sobre sexualidade respondendo perguntas de telespectadores e fazia matérias que quebravam muitos tabus sobre a sexualidade. O programa provocou polêmica e reações por parte de setores conservadores. Marta dizia coisas no quadro que incomodavam o *mainstream*, as pessoas não a enxergavam com bons olhos, principalmente os maridos, na época, pois pregava a liberação sexual, financeira e intelectual feminina. Ela falava de orgasmo enquanto a mulher, dona de casa, colocava o feijão para cozinhar.

A televisão, assim, serviu de catapulta para Marta se tornar conhecida e para ser ouvida e mostrar que era uma mulher profissional, moderna, culta, sem preconceitos e sem pudor de dizer coisas ainda tão reprimidas entre as mulheres daquela época. Ganhou muitas ouvintes e telespectadoras fiéis. Essas mulheres engrossaram suas fileiras quando ela entrou para o mundo político em meados dos anos 1990. Depositaram nela a esperança da mudança, do respeito ao sexo feminino e, principalmente, por se tratar de uma mulher que sabia falar e enfrentar publicamente os homens. Elegeu-se em São Paulo como deputada federal (1995-1998) pelo PT com a quarta melhor votação do partido na Câmara. Era a consagração de *ethos* construído pelo discurso de modernidade, de ausência de preconceito, de competência feminina.

Assim, sugerimos que o discurso de Marta Suplicy encena um novo tipo de *ethos*: o *ethos* de modernidade que, além de mostrar força, deve se mostrar culto, inteligente, à frente de seu tempo na quebra de tabus e preconceitos, que coloca seu ponto de vista sem medo de ser julgado ou “estapeado” pela opinião pública. Podemos encontrar outros exemplos desse *ethos* entre os políticos de nosso tempo, um deles pode ser entrevistado nos discursos proferidos por Fernando Gabeira que, em várias situações, mostrou aderir a esse *ethos*.

Nos anos que se seguiram, esse *ethos* discursivo de modernidade construído por Marta Suplicy foi sendo muitas vezes reforçado, pois na tribuna do

Congresso Nacional ela notabilizou-se pela defesa dos interesses femininos e das minorias, pela proposição de projetos de lei tais como a Parceria Civil Registrada entre pessoas do mesmo sexo, a obrigatoriedade da cota mínima de 25% de mulheres na lista de candidatos às eleições que obedecessem ao sistema proporcional. Pela sua intensa participação legislativa, Marta Suplicy foi escolhida duas vezes (1996 e 1997) uma das cem parlamentares mais atuantes do Congresso Nacional pelo DIAP – Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar - , órgão que fiscaliza o desempenho de deputados e senadores.



Figura 14. Disponível em http://2.bp.blogspot.com/marta_suplicy.jpg. Acesso em 22 de junho de 2009.

O discurso proferido por Marta Suplicy marcou-se sempre pela objetividade, pela clareza, demonstrando altivez e mesmo um “tom” considerado agressivo por alguns, o que, segundo Charaudeau (2006), projeta um “*ethos* de potência” característico das classes sociais mais abastadas. Entendemos que isso já pode ser percebido em um enunciado por ela proferido durante a campanha para o governo do Estado de São Paulo de que participava seu ex-marido, Eduardo Suplicy em 1986: “as mulheres de outros candidatos ao governo do Estado de São Paulo são simplesmente esposas. Eu não. Sou Marta Suplicy”.

O uso de meneios de mão e cabeça, o seu modo de se vestir passam a ideia de que pertence a uma elite dominante que, por sua vez, é a ideia que seduz a população brasileira que se identifica com o paternalismo, com o assistencialismo na

política. Ou seja, o povo não quer ser governado por iguais e sim por pessoas que julgue mais preparadas para isso, o que Charaudeau (2006) identifica como *ethos* de chefe.

...é como se, consciente de sua incapacidade de se determinar e de ver qual é seu destino, o grupo tivesse necessidade de ressuscitar a existência de um ser superior capaz de guiá-lo em meio aos acasos do tempo, à fortuna da vida e às peripécias do mundo. Esse guia pode ser originário do grupo ou exterior a ele. (CHARAUDEAU, 2008, p.154)

Quando era Ministra do Turismo, em 13 de junho de 2007, Marta Suplicy lançou um Plano Nacional do Turismo visando a incentivar as atividades do setor. No entanto, foi surpreendida por uma grave crise no setor aéreo¹⁷; quando questionada sobre a oportunidade de seu plano que incentivava a viajar, respondeu: "Relaxa e goza que depois você esquece de todos os transtornos"¹⁸.

Esta frase causou um impacto muito negativo à sua imagem como Ministra do Turismo, pois colocava em evidência um modo de dizer que não se combinava com o *ethos* de refinamento a que estava associada a sua imagem,. Por outro lado, o enunciado pode ser entendido como uma adesão ao *ethos* de modernidade, tendo em vista a sua formação e atuação como sexóloga. Marta Suplicy, pouco tempo depois, reconheceu publicamente ter feito uma declaração inapropriada, retomemos o *ethos* de refinamento.

"Quero pedir desculpas aos turistas e a todos os brasileiros pela frase infeliz que proferi hoje, ao término de uma entrevista coletiva. Não tive por intenção desdenhar, muito menos

¹⁷ A crise do setor aéreo no país começou no fim de outubro de 2006, depois que os controladores de vôos iniciaram protestos contra o afastamento de colegas para a realização de investigações sobre o acidente envolvendo um jato Legacy e um boeing da Gol, no qual morreram 154 pessoas. O desastre chamou atenção para problemas existentes no sistema de controle de tráfego aéreo no país. Depois do acidente, os controladores de vôo organizaram operação padrão em diversas situações, ampliando o prazo de decolagens e aterrissagens para protestar contra os baixos salários e as condições de trabalho. Disponível em <http://oglobo.globo.com/pais/mat/2007/04/10/295296995.asp> acessado em 13/01/2010.

¹⁸ Ao ser perguntada sobre o que dizer aos turistas diante dos recentes problemas nos aeroportos, a ministra, que é sexóloga, afirmou: "Relaxa e goza porque você vai esquecer dos transtornos". A ministra do Turismo disse que uma das medidas para reduzir os atrasos nos aeroportos é investimento em novas aeronaves pelas companhias aéreas. "Mas esse não é um problema só do Brasil, é um problema mundial", minimizou Marta Suplicy. Disponível em <http://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,MUL51536-5601,00.html>. Acessado em 13/01/2010.

minimizar os transtornos que estão sendo enfrentados pelos usuários do transporte aéreo. Eu mesma tenho passado por essa situação, quando viajo. Minha intenção foi dizer aos jornalistas e à população que viajar vale a pena, mesmo que os problemas nos aeroportos demorem um pouco mais, apesar de todo o empenho do Governo Federal para agilizar as soluções. Estamos trabalhando no Ministério do Turismo para fortalecer o turismo interno e para receber cada dia melhor o turista estrangeiro."Disponível em <http://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,MUL51693-5601,00-MARTA+PEDE+DESCULPAS+POR+RELAXA+E+GOZA.html>. Acesso em 11/01/2010.



Figura 15. Disponível em oglobo.globo.com/.../2007/06/14/296181709.asp Acesso em.12/07/2009.

Naquela cenografia seu papel era de mulher política, então ela deveria falar do lugar de mulher política, de Ministra do Turismo, ou seja, não era adequado usar uma frase com conotação sexual para tratar de problemas de ordem política, projetando um *ethos* de potência - tal como fizera Collor (Cf. capítulo 2). Acreditamos que ela, ao proferir essa frase, tenha acreditado que o seu *ethos* de modernidade sobrepujasse o *ethos* de potência, implicada aí a sua posição de Ministra.

Segundo Charaudeau (2008,p.119), a credibilidade “é resultado da construção de uma identidade discursiva pelo sujeito falante”. A sinceridade, a autenticidade, a transparência, a performance e a eficácia são condições de credibilidade discursiva, pois é nelas que se assenta o crédito que damos ao enunciador. Quando pensamos na velocidade e no poder da informação na era da rede mundial de computadores, em que o que alguém diz hoje pode ser confrontado

com o que diz amanhã, podemos entender como a manutenção desse *ethos* é complexa, em, especial no campo da política. Principalmente se pensarmos que esse tipo de arquivo é aberto em sites de relacionamento, Blogs e páginas de postagem de vídeos proliferando a imagem passada de forma tão rápida que, se existir algum tipo de deslize, ou desvio de identidade a única alternativa é pedir desculpas pelo já dito. Um outro exemplo foi o que aconteceu com o Ancora televisivo da BAND TV, Boris Casoy¹⁹ que fez comentários muito deselegantes aos garis que desejavam “Boas Festas” num quadro de fim de ano da emissora, sem ter como justificar-se simplesmente pediu desculpas na edição seguinte do telejornal. Esse acontecimento jogou por terra a sua credibilidade que fora construída durante toda a sua carreira no jornalismo televisivo, de onde ostentava o “título” de primeiro âncora da televisão brasileira.

¹⁹ O comentário de Boris Casoy, que vazou na edição do “Jornal da Band” do último dia 31, continua rendendo dor de cabeça para o jornalista. Na ocasião, ele fez um comentário na bancada do telejornal, enquanto era exibido um vídeo em que dois garis desejavam feliz ano novo. “Que merda. Dois lixeiros desejando felicidades do alto da suas vassouras. O mais baixo na escala do trabalho”, comentou. Porém, o jornalista foi surpreendido ao descobrir que seu áudio vazou e por isso os telespectadores ouviram seu comentário em casa. No dia seguinte, Boris pediu desculpas no ar pela frase considerada ‘infeliz’. Entretanto, o pedido de desculpas não agradou a classe dos garis. De acordo com a Folha de S. Paulo, o Siemaco (Sindicato dos Trabalhadores das Empresas de Asseio e Conservação de São Paulo) estuda entrar com um processo judicial contra o jornalista. A entidade considerou as declarações do âncora discriminatórias. Disponível em <http://www.sistemaodia.com/noticias/boris-casoy-pode-ser-processado-por-ofender-garis-65426.html>. Acesso 18/01/2010.

3.2 A construção cenográfica do *ethos* discursivo da candidata Marta Suplicy na campanha eleitoral municipal de 2008



Figura 16. Disponível em Snapshot [youtube.com/campanha política 2008](https://www.youtube.com/c/campanha%20pol%C3%ADtica%202008). Acessado em 23/08/2009.

Em 2008 a corrida política para o cargo majoritário da cidade de São Paulo começou com várias especulações sobre quem seria a preferência dos eleitores no dia do pleito. Para podermos entender o *corpus* deste trabalho temos que entender a campanha e seus dois principais concorrentes. O candidato Gilberto Kassab, já era conhecido na cena política de São Paulo, pois havia sido eleito para o cargo de vereador, depois deputado estadual e, no pleito seguinte, deputado federal. Tornou-se prefeito de São Paulo em 31 de Março de 2006 quando José Serra assumiu o governo estadual. Notabilizou-se, especialmente, porque teve que enfrentar a insatisfação dos publicitários e dos fornecedores de mídia *outdoor* por proibir a instalação na cidade de placas de propaganda e determinar a retirada das já existentes.

Marta Suplicy, por sua vez, entrou na disputa acreditando que seu passado político, em especial o mandato de prefeita de São Paulo (2001-2004) poderia trazer-lhe bons resultados nas urnas. O seu discurso projetava um *ethos* de

competência, à semelhança de Paulo Maluf, conforme analisamos no capítulo 2. A estratégia discursiva adotada pela candidata estava focada nos seus feitos, nas obras e aprovações de leis e emendas. Segundo o **Datafolha**, numa pesquisa realizada nos dias 3 e 4 de agosto de 2008, Marta Suplicy tinha o seguinte posicionamento perante os eleitores da cidade de São Paulo:

Classificada como realizadora por 27% dos entrevistados, Marta, por sua vez, é apontada como a mais preparada para cuidar das áreas de transporte e educação. Saúde. (...) Líder nas pesquisas, ela é identificada por 40% dos entrevistados como aquela que, se eleita, "mais defenderá os pobres".(...) A petista é avaliada como a defensora dos pobres por 45% dos eleitores com renda familiar mensal inferior a dois salários mínimos.(...) Marta, a defensora dos pobres. Alckmin, o inteligente. Kassab, o desequilibrado. Maluf, o corrupto.

(Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/brasil/ult96u421893.shtml>, acessado em, 3 de agosto de 2008

Como podemos entender, os resultados dessa pesquisa demonstram que Marta, além de um *ethos* de competência, tinha também um *ethos* de solidariedade, à semelhança de Evita Péron, conforme apontamos no capítulo 2. Podemos, então, dizer que o *ethos* pré-discursivo da candidata relativamente aos debates que vamos aqui examinar era múltiplo: *ethos* de modernidade, *ethos* de competência e *ethos* de solidariedade.

O debate político funciona como um termômetro da campanha, em que os candidatos podem mostrar sua verdadeira veia política. Por isso, é costume dizer que é também onde conseguem ganhar ou perder uma eleição. No debate os candidatos se enfrentam com perguntas preparadas por seus assessores de marketing e comunicação para que possam deixar os seus oponentes acossados. Tudo isso é fruto de muito trabalho e pesquisa. Para o eleitor o debate é onde as máscaras caem, pois nos programas do horário eleitoral gratuito tudo é muito bem preparado e encenado com a assessoria dos publicitários. Podemos dizer que é planejada uma “maquiagem” para deixar o candidato de acordo com o que o público alvo deseja, nesse caso, o eleitor.

Entendemos que a construção do *ethos* não é linear, visto que pode variar dependendo da situação. Esse pode ser um dos motivos dos tropeços de Marta na sua carreira política, pois ela se desviou várias vezes do seu *ethos* pré-

discursivo, o que pode ter tirado a impressão de veracidade de suas palavras. Também pode ser uma questão de assessoria de comunicação, como ocorreu na campanha de 2008, em que ela teve índice de aprovação mais conservador.

Para que conseguisse aumentar o seu eleitorado entre os católicos, que sempre repudiaram a candidata por sua posição em defesa dos homossexuais e da militância pró-direito pelo aborto, os seus assessores se uniram a uma ala mais progressista da Igreja e redigiram um manifesto intitulado “Carta aos Cristãos” que seria distribuído nas igrejas da cidade de São Paulo. O teor do manifesto enfatizava que na gestão de Marta muito foi feito em prol do pobre e que sua luta sempre foi voltada para a fraternidade e a igualdade, propondo para ela um *ethos* de solidariedade. Acreditamos que, talvez, tenha sido essa linha que a tenha prejudicado, pois o eleitor fiel a ela não a reconheceu nessa aliança.

Na sequência, vamos analisar cada um dos dois debates selecionados para averiguar em que medida o *ethos* discursivo neles construído se agrega ou se afasta desse múltiplo *ethos* pré-discursivo que aqui mencionamos.

3.2.1 Debate 1 - TV Band (ANEXO A)

No debate pela TV, a cenografia “montada”, além dos oponentes e do mediador, inclui o telespectador, o outro a quem o discurso se dirige, ou seja, os eleitores que assistem, veem e ouvem os discursos dos debatedores. Por isso, acreditamos que a cenografia instalada em um debate pela TV entre políticos em final de campanha eleitoral, faz emergir um confronto entre os respectivos *ethé* de identificação com os eleitores. Busca-se a mútua desqualificação e, por outro lado, a reafirmação da credibilidade diante dos eleitores. Assim, de modo geral, o discurso dos oponentes incide, no caso desse debate que analisamos, sobre “quem é ele que fala? ele mente...”

Ora, se em um debate dessa natureza busca-se a adesão dos eleitores, a persuasão do discurso será tanto mais eficaz quanto maiores forem a credibilidade e a identificação com os eleitores. Tudo o que se passa em um debate

já foi, de certa forma “ensaiado”, previsto pelos profissionais de marketing e assessores de campanha. No entanto, muito do que os políticos dizem nessas situações podem escapar desse controle e construir discursivamente um *ethos* indesejável naquela situação.



Figura 17. Disponível em Snapshot [youtube.com/Debate Eleições 2008 BAND](https://www.youtube.com/Debate_Eleicoes_2008_BAND). Acesso em 23/10/2009

No primeiro debate do segundo turno, exibido pela TV BAND (13 de outubro de 2008) a candidata Marta Suplicy, depois das apresentações, inicia um discurso marcado pela polidez, com um “meio” sorriso no rosto e colocando os seus pontos positivos em destaque, buscando aderir, naquela cenografia, aos *ethé* pré-discursivos de refinamento e de competência. Os cabelos curtos demonstram que ela não tem tempo a perder, que é prática, moderna. O terno que vestiu tinha cores leves mas com fios metalizados. Isso junto da cor de seu esmalte de unhas, escuros, demonstra que a orientação dada foi de leveza e modernidade.

No entanto, utilizando-se da autoridade de sua posição como ex-prefeita – *ethos* de chefe - atacou com veemência o prefeito Kassab, tentando desestabilizá-lo. O intuito era fazer com ele perdesse a compostura e a atacasse, desse modo, ela se colocaria no papel de vítima, o que faria com que o telespectador se sensibilizasse com sua posição e se voltasse contra o prefeito Kassab por sua atitude destemperada.

“Bom, nós vamos perguntar , pra **fazer essa comparação do prefeito real e do prefeito candidato**, né...O candidato ele promete várias coisas , licença maternidade, CEOS etc..mas o prefeito de verdade, que tem a caneta na mão, vejam vocês, ele enviou um projeto de lei à câmara, agora no mês de agosto,

que cria o pedágio urbano, eu vou ler, tá escrito assim, projeto de lei 524, propõe planejamento e implementação de sistema de tráfego tarifado, isso quer dizer, pedágio urbano, tá assinado pelo senhor, foi pra câmara com a sua assinatura, você já paga o pedágio mais caro do Brasil e agora vai pagar pedágio pra sair da sua casa, e a minha pergunta é a seguinte, Se o senhor for eleito em quanto tempo o senhor vai implantar o pedágio, quanto vai custar e vai começar por que regiões da cidade?” (MARTA SUPLICY –transcrição do debate 1.

O enunciador conduz a discussão de forma agressiva e incisiva – um *ethos* de chefe – atacando o seu oponente, porém a estratégia não surtiu grande efeito, Kassab estava bem preparado e munido de informações para poder rebater as acusações de Marta.

“Candidata, candidata...o telespectador precisa saber a verdade. **Qual é a Marta?** É essa ou a que omite informação que no dia seguinte, por conta desse equívoco, foi enviado um novo projeto que não tinha mais esse pedágio urbano, até pra explicar pro telespectador, a secretaria do verde do meio ambiente, defende o pedágio urbano. O prefeito, quando chegou o projeto ao prefeito ele encaminhou sem o pedágio urbano e por um equívoco de nossa secretaria de governo foi com esse item, e evidentemente o prefeito comanda a cidade de SP, e isso vocês perceberam ao longo dessa gestão, cidade limpa, fechamento de postos de gasolina, o combate a sonegação de impostos, fazendo com que nossas receitas aumentem, esse item foi retirado do projeto, portanto não haverá pedágio urbano enquanto eu for prefeito de SP, podem ficar muito tranquilos, diferentemente da **ex-prefeita, que tinha na criação de taxas e impostos uma das suas principais virtudes da sua administração, tanto é que a sua administração era conhecida por um apelido,(MARTAXA)** portanto queria dizer a vocês que não criaremos o pedágio urbano e não criaremos novas taxas na nossa administração. Quem vê a ex-prefeita se manifestar, até parece que ela não foi feita, até parece que ela não teve a oportunidade de fazer pela cidade, algo na saúde. Na saúde por exemplo, não fez hospitais prometeu que faria, não fez as AMAS, não valorizou os servidores da saúde. Hoje a população aprova nossa administração. Todos sabem, veja as pesquisas, veja as urnas. Quando ela se manifesta aqui parece que a população não está satisfeita com a administração, parece que está o caos a cidade. A população tem memória. Candidata marta, a população está contente sim com a nossa gestão por que nós fizemos muita coisa e vamos continuar fazendo mais ainda na próxima gestão.” (KASSAB —transcrição do debate 1.

O candidato Kassab também projeta o *ethos* de chefe, principalmente quando diz “o prefeito comanda a cidade” e adere ao *ethos* de competência quando diz “Hoje a população aprova a nossa administração”. Vejamos que nos trechos

destacados em ambas as transcrições de falas dos candidatos, eles remetem aos respectivos *ethos* de identificação, questionando sobre a “real” identidade do oponente. No trecho em que Kassab alude em sua fala ao apelido “MARTAXA”, vemos que a estratégia discursiva é forçar a adesão da candidata a um *ethos* pré discursivo o de Prefeita que recebeu a alcunha por propor impostos de luz e lixo aos paulistanos .

É interessante lembrarmos que, por não ter gostado da referência ao apelido, mas sem ter como se defender disso nesse debate, o seu partido – PT o faz posteriormente em um programa de rádio, o que foi comentado pela mídia:

"Kassab posa de bonzinho, mas não se engane. Em 2006, Kassab passou a cobrar 2% de ISS para autônomos, como músicos, taxistas, costureiras e vigilantes. E aumentou em 70% o imposto que se paga na venda de imóveis. A taxa de IPTU hoje é a mais alta do país, a média passou de R\$ 235 para R\$ 264. Ele também aumentou a taxa média de impostos pago pelo paulistano, de R\$ 648 para R\$ 864", diz a peça publicitária. Por fim, um jingle semelhante ao usado na campanha de Kassab ironiza: "Agora São Paulo já sabe, esse é o Taxab". (Flávio Freire, *O Globo*. **Apelidada de "Martaxa", petista chama adversário de "Taxab"**. Disponível em http://oglobo.globo.com/pais/eleicoes2008/mat/2008/10/15/apelidada_de_martaxa_petista_chama_adversario_de_taxab_-_585958808.asp. Acesso em 08/01/2010)

Kassab assume o “equivoco” e Marta continua afirmando que Kassab mentiu e que isso pode acontecer no governo dele caso seja eleito.

“Bem. Do jeito que você fala, foi pra lá, foi pra lá, enrolou, tal...mas acho que nem você acredita na história toda eu você contou e eu quero falar pra você que ta em casa me ouvindo, o projeto ta lá na câmara segundo a versão que ele falou. E a segunda versão fala em pedágio sim. Então você que comprou o seu carro com dificuldade, paga em 60 meses, trezentos e sessenta reais por mês , não é? Você que ta aí em Itaquera, São Miguel , Freguesia do ó, Vila Maria pode se preparar, porque ele na propaganda ta falando que não vai fazer , aqui ta falando que não vai fazer, que garantia “CE” tem se o homem quando tem projeto, ele,ele veta depois diz que vai fazer ? Agora ele diz que não vai fazer ta fazendo o contrario, mas o projeto ta lá. Porque não tirou o projeto. Essa é a minha questão. Porque que não tirou o projeto? **Aliás, esse pedágio urbano não vai dar certo também, porque foi implantado em Londres e não deu certo ele onera as pessoas mais pobres, não é uma solução.** Agora eu acho que você (k) sempre propõe essas coisas depois diz que não vai fazer.”
MARTA SUPPLY —transcrição do debate 1.

Vejamos que o enunciador, no enunciado em destaque, ao fazer a defesa dos “mais pobres” adere ao *ethos* pré-discursivo de solidariedade. Busca também construir um *ethos* de identificação com o eleitorado utilizando um vocabulário menos rebuscado e mais popular: Fala muito “Cê” ao invés de “você” e, para fechar o vínculo, cita bairros populares da cidade de São Paulo. Esse uso da língua coloquial que a aproxima do co-enunciador constrói discursivamente um *ethos* de simplicidade, distanciando-a do *ethos* pré-discursivo de refinamento.

Na pergunta feita pelo jornalista Fernando Vieira de Mello, a candidata aproveita a chance para atacar mais uma vez o seu oponente e, mais uma vez, aderir ao *ethos* pré-discursivo de solidariedade:

Olha, desculpa Fernando, mas ele (k) disse uma coisa que eu quero comentar antes. Ele disse que a família paga suas contas, coisa e tal, deixa o dinheiro guardado, Nós não estamos falando disso. **Nós estamos falando de família que muitas vezes não vai comprar uma comida ou comprar um tênis, pra deixar um dinheiro economizado**, isso não existe, né....a gente cuida primeiro das necessidades e foi o que você não fez, né? Você deixou dinheiro no banco faltando creche, faltando corredor de ônibus, faltando tanta coisa na cidade.
MARTA SUPLICY – Transcrição do debate.

Nesse trecho, também é possível entrever a busca da aderência ao *ethos* do fazer, da competência, pois o enunciador traz à cena fatos para comprovar a incompetência e descaso do seu opositor, propondo de si mesma o inverso.

Na discussão ocorrida durante o primeiro debate do segundo turno para eleição municipal da cidade de São Paulo, veiculado pela TV Band, Marta Suplicy também atacou frontalmente o seu opositor perguntando se o eleitorado realmente conhecia o candidato Kassab. Se as pessoas conheciam o verdadeiro Kassab ou o Kassab fabricado pela publicidade. Isso surtiu o efeito de atualização e reforço da polêmica causada por um programa eleitoral do PT levado ao ar três semanas antes em se questionava a origem, o posicionamento político e também a intimidade do candidato a prefeito Gilberto Kassab (DEM).

“Você sabe mesmo quem é o Kassab? Sabe de onde ele veio? Qual a história de seu partido? De quem foi secretário? De quem esteve sempre ao lado, desde que começou na política? Se já teve problemas com a justiça? Se melhorou de vida depois da política? É casado? Tem filhos? Já que ele não informou nada, não é mais prudente se informar melhor sobre

ele? Kassab? Para decidir certo é preciso conhecer bem.”
Disponível em
<http://noticias.terra.com.br/brasil/interna/0,,OI3252073-EI7896,00.html>



Figura 18 Disponível em http://campanhanoar.folha.blog.uol.com.br/images/Marta_Kassab.jpg. Acesso em 27/08/2008

Porém os efeitos de tais questionamentos produzidos por Marta levaram o *mass media* a dar maior ênfase ao que chamou de insinuação de homossexualidade do candidato. Isso aconteceu pela forma e tom com que Marta proferiu a pergunta “É casado? Tem filhos?”

(...) Na realidade, do ponto de vista da AD, esses efeitos são impostos, não pelo sujeito, mas pela formação discursiva. Dito de outra forma, eles se impõem àquele que, no seu interior, ocupa um lugar de enunciação, fazendo parte integrante da formação discursiva, ao mesmo título que as outras dimensões da discursividade. O que é dito e o tom com que é dito são igualmente importantes e inseparáveis. (MAINGUENEAU, 1997, p. 45-46)

Esses efeitos discursivos contrariam o *ethos* pré-discursivo de modernidade de Marta Suplicy, como já dissemos vista como uma mulher à frente de seu tempo, sem preconceitos, em especial, os de ordem sexual. Questionada ao findar o debate, Marta diz: "Sou uma pessoa contra o preconceito. Da minha boca vocês nunca vão ouvir uma palavra de preconceito. [...] Mas eu acho que estão interpretando demais". Aqui ela retoma seu *ethos* pré-discursivo de modernidade, e passa a realmente dar mais credibilidade aos interlocutores, pelo menos acreditamos que era esse o efeito desejado. Porém a interpretação dos questionamentos sobre a vida pessoal de Kassab eram evidentes tanto nos debates quanto nas peças televisivas.

Maingueneau explica que os estereótipos sociais são responsáveis por um tom e corporalidade do enunciador:

O tom está necessariamente associado a um caráter e a uma corporalidade. O “caráter” corresponde a este conjunto de traços “psicológicos” que o leitor-ouvinte atribui espontaneamente à figura do enunciador, em função de seu modo de dizer. Para o humanismo devoto, este “caráter” será o de um homem essencialmente comedido e sociável. Bem entendido, não se trata aqui de caracterologia, mas de estereótipos que circulam em uma cultura determinada.
(MAINGUENEAU, 1997,p.46-47)

Assim, na posição de mulher moderna e liberal, não no papel de representante do povo, o pronunciamento sobre a crise aérea, parece ter causado menos espanto, e menos estrago do que as declarações feitas nesse debate. Pois quando ela fez o pronunciamento sobre a crise aérea, o já famoso “relaxa e goza”, seus interlocutores já estavam acostumados e preparados pela própria trajetória da sexóloga, ou seja, o seu *ethos* pré-discursivo de modernidade. Mesmo assim não passou despercebido, pois ela enunciou do posto de Ministra do Turismo de onde se esperava mais respeito pelos transtornos causados aos cidadãos contribuintes na crise aérea.

Para Maingueneau e Charaudeau:

(...) um sujeito ao enunciar presume uma espécie de “ritual social da linguagem” implícito, partilhado pelos interlocutores. Em uma instituição escolar, por exemplo, qualquer enunciação produzida por um professor é colocada em um contrato que lhe credita o lugar de detentor do saber: “ O contrato de fala que o liga ao aluno não lhe permite ser “não-possuidor do saber”
(MAINGUENEAU, 1997. P.30)

Sem dúvida, acreditamos que esse questionamento foi um divisor de águas na campanha de Marta, pois ela perdeu o que Charadeau (2008) chama de *ethos* de credibilidade. Sem acreditar, o eleitor não consegue criar um vínculo e uma identificação com a imagem projetada pelo político.

3.2.2 Debate 2- TV GLOBO (ANEXO B)

No terceiro e último debate exibido pela Rede Globo de televisão, onde, Marta e Kassab se enfrentaram pela última vez, no dia 25 de outubro de 2008, eles trocaram, mais uma vez acusações mútuas, e desenvolveram defesas mais eficientes contra possíveis ataques. Os dois candidatos investiram nos números de suas respectivas gestões, propondo ambos um *ethos* de competência.

Marta dessa vez, estava mais segura e não se repetia tanto quanto no outro debate, exibido pela BAND. Usava uma roupa “vermelha PT”, unhas



Figura 19 disponível em img.estadao.com.br, acesso no 25/11/ 2009.

vermelhas, óculos de aros e brincos de pérola. Esse conjunto diz muito. Os brincos mostram de onde ela vem, denota a sua origem abastada; sua roupa vermelha mostra sua identificação com o seu partido, o PT; os óculos, além de mostrar que ela é uma leitora contumaz, portanto deve ser inteligente, é também falível e humana e está a mercê do peso da idade, gerando identificação com parte do eleitorado, ou co-enunciadores.

Em um trecho do debate Kassab retoma e refere o *ethos* pré discursivo de Marta reconhecendo nela uma pessoa da “elite branca paulistana”.

“Você entregou o governo com 96 obras paradas túneis mal feitos que nas chuvas eram vítimas de enchentes dividas que

chegaram a dois bilhões de reais, e o **seu vice que assumiu a prefeitura por dez dias, porque você estava em Paris, em Paris**. Ele pode observar bem a cidade, e na página 215 do seu livro ele dizia. “logo me deparei com problemas surgidos por causa de compromissos financeiros que não estavam sendo cumpridos, refiro-me especialmente a coleta de lixo, a limpeza de bueiros, e sobretudo aos pagamentos a educação e a saúde. Encontrei muito pouca disposição para manter a cidade em bom estado. Chego a pensar que era entregar o município com todos os problemas possíveis, criando dificuldades para o prefeito eleito José Serra.
Gilberto Kassab - Transcrição do debate Anexo B.

A entonação utilizada por Kassab e a repetição da palavra “Paris”, denota que ele quis mostrar ao telespectador que Marta é da elite, que ela não é igual ao eleitor. E dessa forma Kassab recupera o *ethos* pré-discursivo de Marta como mulher abastada, de educação europeia, de família “quatrocentona”. Como sabemos o *ethos* não é linear e, muitas vezes, dependendo da cenografia, ele varia, mas Marta nunca se afastou desse *ethos* pré-discursivo, mesmo quando se utiliza de linguagem coloquial em debates ou encontros com cidadãos. Isso só a torna mais próxima do seu eleitor, como saber andar de salto alto e pular uma poça de água numa favela durante uma inspeção durante o seu governo (2000-2004).

No caso do próximo trecho do debate, Marta retoma o *ethos* de competência, quando ela refuta tudo o que o seu oponente fez e coloca-se como detentora das proezas políticas de seu mandato:

“Eu gostaria de dizer que eu entreguei a cidade com a radial leste concluída, com a Jacu Pêssego com 21 CEOS prontos, 25 que era pra você fazer e não fez. 59 BS construídas por mim e que você não construiu nenhuma. E as 130 amas que você diz que construiu 99 são divisões de BS. Então fora as creches, as vagas em creches, eu criei 86 creches novas. Eu acho que eu entreguei a cidade tão melhor que eu recebi que eu acho inacreditável dizerem e ficarem falando sobre como eu entreguei a cidade. Se vocês recebessem o que eu recebi vocês não ousariam falar o que eu consegui fazer a capacidade que nossa equipe teve de gestão de planejamento de buscar dinheiro de fazer parcerias privada. E por isso que eu sinto e vou repetir de novo eu tive muito orgulho de administrar minha cidade e de entregar do jeito que eu entreguei.

MARTA SUPPLY - transcrição do 3º debate.

Esse tipo de cena é particular do debate televisivo, onde cada candidato tenta estrategicamente derrubar o seu oponente mostrando as suas virtudes e suas proezas, deixando vir a tona o *ethos* pré-discursivo de competência,

pois é competência que o eleitor está “comprando” então é isso que eles tentam demonstrar, desqualificando o oponente, desprovido de competência e que, por isso, não é digno de receber os votos dos cidadãos.

Em outro trecho vemos claramente como Marta tenta “desancar” seu oponente:

A cidade que eu recebi foi de você, de você com Pitta. Que acabaram essa cidade. Me entregaram a cidade com o PAS, que era aquele programa de saúde que estava nas páginas da polícia. A educação abandonada, as praças, ah! Tudo abandonado. A gente não sabia nem como começar. Essa foi a cidade que vocês me entregaram. Então eu me lembro quando o Serra começou a fazer essa politicada dizendo que a cidade estava quebrada etc etc. eu fiquei pensando imagine se ele tivesse recebido a cidade que eu recebi, de você... isso que é mais sério...de você que agora é prefeito de São Paulo, né....Eu recebi uma cidade que as subprefeituras eram regionais as pessoas não iam porque eram centros de comércio, era essa cidade, era a máfia dos fiscais. As pessoas não podem esquecer o que foi, eu me esforcei, eu fiz eu entreguei a cidade em ordem contas em ordem, tanto é que você tinham dinheiro.

MARTA SUPPLY. Transcrição do 3º Debate.

Marta alude ao *ethos* pré-discursivo do político Celso Pitta²⁰, ex-prefeito da cidade de São Paulo, cujo nome esteve envolvido com escândalos financeiros, para depreciar Kassab. Segundo CHARAUDEAU (2008, p. 137)

Ethos político é resultado de uma alquimia complexa feita de traços pessoais de caráter, de corporalidade, de comportamentos, de declarações verbais, tudo relacionado às expectativas vagas dos cidadãos, por meio de imaginários que atribuem valores positivos e negativos a essas maneiras de ser.

(CHARAUDEAU 2008, p. 137)

Como contra-ataque Kassab utiliza da mesma fórmula, só que dessa vez ele usa a credibilidade do Vice-prefeito de Marta quando ainda era prefeita. Para a maioria da população o vice prefeito é um aliado incondicional do prefeito, como o vice-presidente é do presidente e assim por diante. A declaração do Vice-prefeito então teve um peso maior do que se Kassab tivesse enunciado a denúncia a seguir:

²⁰ Afilhado político do deputado Paulo Maluf (PP), Pitta administrou a Prefeitura de São Paulo no período de 1997 a 2000. Sua gestão foi marcada por uma série de denúncias. A principal delas foi o esquema de corrupção batizado de "escândalo dos precatórios". Ele acabou afastado do cargo por 18 dias --sendo substituído por seu vice-prefeito, Regis de Oliveira--, mas retomou o cargo em seguida. Concorreu a deputado federal e perdeu em duas ocasiões, mas manteve sua filiação ao PTB. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u655599.shtml> Acesso em 19/01/2010.

Você entregou o governo com 96 obras paradas túneis mal feitos que nas chuvas eram vítimas de enchentes dividas que chegaram a dois bilhões de reais, e o seu vice que assumiu a prefeitura por dez dias, porque você estava em Paris, ele pode observar bem a cidade e na pagina 215 do seu livro ele dizia. “logo me deparei com problemas surgidos por causa de compromissos financeiros que não estavam sendo cumpridos, refiro-me especialmente a coleta de lixo, a limpeza de bueiros, e sobretudo aos pagamentos a educação e a saúde. Encontrei muito pouca disposição para manter a cidade em bom estado. Chego a pensar que era entregar o município com todos os problemas possíveis, criando dificuldades para o prefeito eleito José Serra.

Gilberto Kassab – Transcrição do 3º Debate.

Marta tem o seu lugar cativo na mente de vários brasileiros com mais de 30 anos que acompanharam sua carreira como sexóloga, política e como mulher a frente de seu tempo, que quebrou vários paradigmas sociais e principalmente falou sobre tabus sexuais antes da hora do almoço, no programa TV MULHER. Nesse debate, ligar Kassab aos políticos notoriamente problemáticos sempre foi o grande trunfo de Marta. Mas ao se afastar tanto do seu *ethos* pré-discursivo de modernidade, ela perdeu o *ethos* de credibilidade e isso é imprescindível para que haja empatia entre o candidato e o seu eleitor. Charaudeau diz:

O *ethos* de credibilidade é, ao mesmo tempo, um construto e um atributo, ou, mais precisamente, uma construção sobre um atributo. É um construto em virtude da maneira pela qual o sujeito encena sua identidade discursiva. É um atributo em virtude da identidade social que o sujeito possui e que depende, ao mesmo tempo, de seu estatuto e da maneira como o público o percebe.

(CHARAUDEAU 2008, p. 136)

Sem essa empatia, ou identificação existe o repúdio que é, nesse caso, o resultado das urnas.

3. CONCLUSÃO

A análise do discurso pode ser uma ferramenta, a ser utilizada por profissionais de diversas áreas. Mas ela é muito mais do que isso, segundo Maingueneau (2005, p. 15), o discurso é uma dispersão de textos cujo modo de inscrição histórica permite definir como um espaço de regularidades enunciativas. No caso analisado, mostramos como a boa, ou a má, utilização do discurso pode surtir efeitos positivos, ou negativos em uma campanha política. A campanha da candidata Marta Suplicy pecou em diferentes aspectos voltados ao seu *ethos* pré-discursivo, como no caso da insinuação homofóbica sobre o prefeito Kassab, fazendo com que o eleitor ficasse confuso e por não creditar algumas enunciações ao *ethos* de Marta.

Como profissional da área do Marketing, nós analisamos que um estudo do que é permitido e do que não é permitido ao candidato proferir é muito importante para a sua credibilidade junto ao eleitor, preterindo erros que poderiam abalar a sua identificação com o público.

De acordo com os objetivos propostos conseguimos ampliar a compreensão dos tipos de *ethos* político, segundo os estudos produzidos por Dominique Maingueneau e Patrick Charaudeau, buscando relacioná-los a políticos que participam do imaginário nacional e internacional e ainda propusemos um novo tipo de *ethos*, baseado no perfil de Marta Suplicy, o *ethos* de modernidade.

Uma das hipóteses dessa pesquisa foi mostrar que os políticos buscam ter habilidade para construir uma imagem de si - um *ethos* valorizado e que seja inspirador de confiança. E que não raramente se adapta a todos os tipos de situações, como o velho ditado “Quando em Roma...”. Sempre que for preciso o político irá beijar criancinhas, andar por vários quilômetros sob o sol escaldante acenando para a população, vociferar contra os inimigos do povo, arregaçar as mangas da camisa, tudo isso para conseguir seduzir o seu eleitor e conseguir o seu objetivo, o voto. No teatro político os atores usam manobras para se adaptar aos vários tipos de eleitores para os quais estão falando. Se estão falando para

metalúrgicos a linguagem escolhida vai ser a que os metalúrgicos conseguem entender. Vemos um exemplo clássico na bíblia cristã que mostra as histórias que Jesus Cristo contava aos seus discípulos, na maioria homens simples e rudes, na forma de parábolas com linguagem simples e adaptada a realidade dos ouvintes. Com isso se faz existente o canal de comunicação sem ruídos.

Conseguimos ainda mostrar nas transcrições dos debates a não linearidade de ethos pré-discursivo da candidata Marta Suplicy. Ainda podemos aferir o quanto que a televisão como veículo de comunicação é uma via de mão única em contrapartida a opinião pública se expressa em larga escala pela internet, mostrando o contentamento, ou não, com os seus candidatos e ali tendo um arquivo eterno de vídeos, podcasts, textos e fotos que poderiam servir de substrato para o trabalho de uma tese de doutorado analisando os resultados que ecoam da interatividade digital no Twitter, microblogs, e o *ethos* pré-discursivo dos políticos.]

Não tínhamos noção do quanto o ethos pré-discursivo está presente em tantas análises que fazemos cotidianamente. Ao andar pelas ruas podemos nos afastar de uma pessoa que se assemelhe a um marginal, por causa das roupas ou mesmo o jeito de andar e gesticular, ou querer chegar perto de outra pessoa que nos inspira confiança por acharmos que seja bem parecida com a gente. Tudo isso enriquece muito o nosso jeito de olhar o mundo, sem preconceito, mas, com análise.

Só para constar. Gilberto Kassab, foi reeleito com mais de 60% dos votos. A candidata e ex-prefeita de São Paulo foi derrotada, alcançando apenas 39% dos votos válidos

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

AMOSSY, Ruth. **O ethos na intersecção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos**. Trad. Dílson Ferreira da Cruz. In AMOSSY (org.) *Imagens de si no discurso - a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**/Helena H. Nagamine Brandão - 8ª Edição - Campinas, SP: Editora Unicamp, 2002.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político** / Patrick Charaudeau: trad. Fabiana Komessu e Dilson Ferreira da Cruz. – 1 ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. **Dicionário de análise do discurso** / Patrick Charaudeau, Dominique Maingueneau; trad. Fabiana Komessu. 2 ed. – São Paulo: Contexto, 2006.

COURTINE, Jean-Jacques. **Analyse du discours politique** In: *Langages*, nº62, Juin, 1981.

DEBORD, GUY. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

Marc, Augé Por **uma antropologia dos mundos contemporâneos**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1997.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. Trad. de Sírio Possenti. Curitiba: Criar, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Trad. de Freda Indursky. Campinas: Pontes, 1997

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso**. Campinas: Pontes, 2006.

PÊCHEUX, M. & FUCHS, C. **A propósito da análise do discurso: atualização e perspectivas**. 1975. IN: GADET, F. & HAK, T. Por uma análise automática do discurso. Trad. Bethania S Mariani. 2ed., Campinas, SP: Unicamp, 1993.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento** / Michel Pêcheux; trad. Eni P. Orlandi. – 4 ed. – Campinas, Pontes Editores, 2006.

PÊCHEUX, Michel (1969). **Análise Automática do Discurso** (AAD-69). Trad. Eni Orlandi. In: GADET & HAK (orgs.) **Por uma análise automática do Discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

SOARES, M. e FAZENDA, L. **Metodologias não-convencionais em teses acadêmicas** . IN: FAZENDA,L. (org.) Novos enfoques da pesquisa educacional. São Paulo: Cortez, 1994.

COURTINE, J.-J. (Org.) ; PIOVEZANI, C (Org.) ; MILANEZ, N. (Org.) . **Metamorfoses do discurso político: derivas da fala pública**. São Carlos: Claraluz, 2006

FIORIN, J. L. . **O regime de 1964: discurso e ideologia**. 1. ed. São Paulo: Atual, 1988. v. 1. 158 p.

ZOPPI FONTANA, M.G. . **Cidadãos Modernos. Discurso e Representação Política**. 1. ed. Campinas - SP: UNICAMP, 1997. 214 p.

LOUZADA, M. S. O. . **Discurso político, mídias e cenografia: o jogo de máscaras nas capas de VEJA**. In: Ana Cristina Carmelino; Juscelino Pernambuco; Luiz Antônio Ferreira. (Org.). *Nos caminhos do texto: atos de leitura*. Franca: Editora da UNIFRAN, 2007, v. 2, p. 169-191.

OSAKABE, H. (1.979). ***Argumentação e discurso político***. São Paulo: Kairós.

ANEXOS

Anexo A

Transcrição do primeiro debate do segundo turno, exibido pela TV BAND (13 de outubro de 2008)

Pergunta de Kassab

- Candidata Marta inclusão digital é muito importante tanto é que nós estamos triplicando o numero de tele centros na cidade de São Paulo pra poder levar internet pra poder levar oportunidade pra aqueles mais humildes pra ter acesso à internet, e você veio com a proposta da internet gratuita pra toda a cidade de são Paulo, sabemos que a única cidade no mundo que implantou a internet gratuita foi a cidade de Taipé em Taiwan, aqui no Brasil, aliás numa cidade administrada pelo seu partido, o PT, em Jacareí está tentando a um custo de trezentos milhões de reais e ta tendo muita dificuldade eu queria que realmente vc explicasse porque essa prioridade de gastar tanto num projeto que é dificuldade muito grande de ser implantado tanto é que não foi implantado em nenhuma cidade do mundo salvo taipe, ao invés de gastar em hospitais?

Marta

Olha, primeira coisa não é verdade foi implantado em várias cidades do mundo inclusive aqui no Brasil e ta sendo implantado agora em várias favelas de Belo horizonte. Mas eu gostaria de dizer quando você diz “Ah o custo extraordinário” , não tem custo extraordinário Kassab são sessenta e quatro milhões, (alterando-se e gesticulando com força) MAS SE TIVESSE CUSTO EXTRAORDINÁRIO EU FARIA. Porque como fiz os telecentros eu banquei aquilo e era o seu partido que dizia “não faça” vai contra, “vão roubar todos os telecentros na periferia, vão roubar os computadores” se eu não acreditasse que a periferia tivesse direito a ter telecentro a poder aprender mexer no computador a ter cursos, que agora eu soube que em vários lugares que eu fui perto de telecentros vocÊ retirou os cursos gratuitos do telecentro, eu não teria feito. A gente tem não só que sonhar mas fazer e eu vou fazer e vou dizer mais, vou explicar como é que eu vou fazer. Nós vamos colocar as antenas nos prédios públicos da cidade de São Paulo, a cidade de São Paulo tem

trez mil prédios da prefeitura, nós vamos colocar as antenas ali. E as pessoas em quinhentos metros, num raio de quinhentos metros, vão captar esse sinal, nós vamos começar da periferia para o centro. Ai nós vamos ver aonde não está captando, onde vamos ter ilhas, daí nos vamos fazer as torres, que aí são mais caras, mas nós vamos cobrir de imediato, dá pra cobrir, em 4 anos, a cidade toda. Eu não sabia, e soube recentemente pelo ministro de comunicações, que tem um convenio já feito com as telecomunicações, isso você (kassab) também não deve conhecer, que todas as escolas municipais vão ter agora links que são pagos pelas “teles” e nós temos em São Paulo oitocentas escolas municipais nós quando fizemos o custo os não colocamos isso aí que vai vir, então é perfeitamente factível e eu vejo que vocês moooooorrem de medo.

Kassab

Marta, nas escolas públicas já estamos implantando escolas públicas inclusive diversas delas com telecentro, eu volto a dizer, por isso que é importante a campanha, a Marta vai implantar esse projeto, ou quer implantar, o jornalista Etevaldo Siqueira, especialista do setor, mostra que o custo é de dois bilhões para a sua implantação e demonstrou, provou. Então a Marta vai fazer esse projeto, eu não. Eu vou fazer mais hospitais, eu vou continuar pavimentando rua sem cobrar dos mais pobres, vou continuar construindo mais escolas pra fazer com que todas as crianças no próximo mandato fiquem sete horas por dia nas escolas, nessa gestão acabamos com as escolas de lata, estaremos acabando com o terceiro turno assim que concluirmos o programa de construção de escolas. Enfim, por isso que é bom campanha. A candidata Marta vai implantar a internet, que parece mais aquele CEU SAUDE, que ela apresentou na última campanha, um factóide, e eu vou continuar a fazer essas ações pra continuar a melhorar o ensino público, os cuidados com a cidade e a qualidade da saúde pública.

Marta

Olha eu não falo factóide não, eu não fui reeleita eu não pude fazer. Vocês fizeram um monte de promessas as pessoas estão na saúde esperando as suas promessas mas em relação à internet gratuita, eu vou fazer sim por que isso é o futuro de nossa juventude, é o futuro das pessoas, outro dia até uma senhora de idade veio perguntar pra mim se ia ter.

E nós vamos fazer por que é realmente um passo muito importante. Agora me espanta ouvir você (k) dizer, que eu vou fazer a internet gratuita e eu não vou fazer hospital. Ué? A saúde tem uma verba própria, a educação tem outra verba. E você (k) tem um orçamento hoje que é dez bilhões de reais a mais do que eu trabalhei, dez bilhões a mais gente! Eu trabalhei com quinze e ele trabalha com vinte e cinco e o orçamento que foi agora pra camara foi de vinte e nove, São vinte nove bilhões, o que são sessenta e quatro milhões? Quer dizer isso ta parecendo muito (gesticulando fazendo sinal de pequeno) pequeno, cabeça muito pequena, tem que pensar grande nessa cidade, e as pessoas estão doidas pra ter internet gratuita e eu vou fazer.

Segundo bloco-

Marta

Bom, nós vamos perguntar , pra fazer essa comparação do prefeito real e do prefeito candidato, né...O candidato ele promete várias coisas , licença maternidade, CEOS etc..mas o prefeito de verdade, que tem a caneta na mão, vejam vocês, ele enviou um projeto de lei à camara , agora no mÊs de agosto, que cria o pedágio urbano, eu vou ler, ta escrito assim, projeto de lei 524, propõe planejamento e implementação de sistema de tráfego tarifado , isso quer dizer, pedágio urbano, ta assinado pelo senhor, foi pra camara com a sua assinatura, você já paga o pedágio mais caro do Brasil e agora vai pagar pedágio pra sair da sua casa, e a minha pergunta é a seguinte, Se o senhor for eleito em quanto tempo o senhor vai implantar o pedágio, quanto vai custar e vai começar por que regiões da cidade?

Kassab

Candidata, candidata...o telespectador precisa saber a verdade. Qual é a Marta? É essa ou a que omite informação que no dia seguinte, por conta desse equivoco, foi enviado um novo projeto que não tinha mais esse pedágio urbano, até pra explicar pro telespectador, a secretaria do verde do meio ambiente, defende o pedágio urbano. O prefeito , quando chegou o projeto ao prefeito ele encaminhou sem o pedágio urbano e por um equivoco de nossa secretaria de governo foi com esse item, e evidentemente o prefeito comanda a cidade de SP, e isso vocês perceberam ao longo dessa gestão , cidade limpa, fechamento de postos de gasolina, o combate a sonegação de impostos , fazendo com que nossas receitas aumentem, esse item

foi retirado do projeto, portanto não haverá pedágio urbano enquanto eu for prefeito de SP, podem ficar muito tranqüilo, diferentemente da ex-prefeita, que tinha na criação de taxas e impostos uma das suas principais virtudes da sua administração, tanto é que a sua administração era conhecida por um apelido, portanto queria dizer a vocês que não criaremos o pedágio urbano e não criaremos novas taxas na nossa administração. Quem vê a ex-prefeita se manifestar, até parece que ela não foi prefeita, até parece que ela não teve a oportunidade de fazer pela cidade, algo na saúde. Na saúde por exemplo, não fez hospitais prometeu que faria, não fez as AMAS, não valorizou os servidores da saúde. Hoje a população aprova nossa administração. Todos sabem, veja as pesquisas, veja as urnas. Quando ela se manifesta aqui parece que a população não está satisfeita com a administração, parece que está o caos a cidade. A população tem memória. Candidata marta, a população está contente sim com a nossa gestão por que nós fizemos muita coisa e vamos continuar fazendo mais ainda na próxima gestão.

Marta

Bem. Do jeito que você fala, foi pra lá, foi pra lá, enrolou, tal...mas acho que nem você acredita na história toda eu você contou e eu quero falar pra você que ta em casa me ouvindo, o projeto ta lá na camara segundo a versão que ele falou. E a segunda versão fala em pedágio sim. Entao você que comprou o seu carro com dificuldade, paga em 60 meses, trezentos e sessenta reais por mês , não é? Você que ta aí em Itaquera, São Miguel , freguesia do ó, Vila Maria pode se preparar, porque ele na propaganda ta falando que não vai fazer , aqui ta falando que não vai fazer, que garantia CE tem se o homem quando tem projeto, ele ele veta depois diz que vai fazer ? Agora ele diz que não vai fazer ta fazendo o contrario, mas o projeto ta lá. Porque não tirou o projeto. Essa é a minha questão. Porque que não tirou o projeto? Aliás, esse pedágio urbano não vai dar certo também, porque foi implantado em Londres e não deu certo, ele onera as pessoas mais pobres, não é uma solução. Agora eu acho que você (k) sempre propõe essas coisas depois diz que não vai fazer.

Fernando Vieira de Melo

Apesar dos investimentos pesados que foram feitos nos últimos anos com a construção de vários CEOS o ensino municipal de SP foi reprovado em 2007 com

nota abaixo de 5 no índice de desenvolvimento da educação básica o foco não está errado? Além de construir a prefeitura não deveria investir pesado no treinamento de professores.?

Marta

Olha, desculpa Fernando, mas ele (k) disse uma coisa que eu quero comentar antes. Ele disse que a família paga suas contas, coisa e tal, deixa o dinheiro guardado, Nós não estamos falando disso. Nós estamos falando de família que muitas vezes não vai comprar uma comida ou comprar um tênis, pra deixar um dinheiro economizado, isso não existe, né....a gente cuida primeiro das necessidades e foi o que você não fez, né? Você deixou dinheiro no banco faltando creche, faltando corredor de ônibus, faltando tanta coisa na cidade. Agora da questão da educação, eu quero o dizer o seguinte a qualidade tá muito ruim na cidade, isso é verdade, nos vamos ter que investir primeiro na condição de trabalho do professor, pra que ele possa dar aula numa mesma escola com um salário melhor, e depois nos teremos que fazer cursos de formação continuada pro professor, porque não adianta exigir do professor que ele dê uma aula melhor ele se formou num magistério numa faculdade, que muitas vezes não lhe formou como deveria. E ele muitas vezes tá muito tempo na na dando aula. Ele precisa realmente ter uma recuperação nessa formação. Nós já no primeiro dia de aula, já vamos começar a ver cada escola, qual a sua necessidade, fazer suas metas e fazer esse curso de formação continuada pra que os professores possam ser ensinados de acordo como o que ele quer ser ensinado, o que ele percebe nele qual a sua necessidade de ensino, pode ser muitas áreas diferentes, então eu vou investir muito no professor, além de fazer a rede CEO, que é um conceito que a administração Kassab não entendeu, que é vc poder dar cultura e dar lazer pra criança que não tem. Então eu queria que a criança que estuda numa escola municipal ela poder ser levada de “vai-e-volta” que vc (k) cortou pela metade né, ela seria levada de “vai-e-volta” prum centro esportivo da prefeitura que ela possa também ir a alguma orquestra, assistir coisas bonitas que a prefeitura possa oferecer, ela tem direito e eu vou fazer.

Resposta de Kassab

Marta

De novo CE falou uma mentira do vai-e-volta, eu deixei cento e quatorze mil e você hoje você fornece pra setenta e um mil. Não adianta mentir, isso tá publicado pode olhar, ao mesmo tempo, e agora ainda vem com essa história que construiu muita escola perto. Olha eu fico pasma com isso. Ao mesmo tempo que vc não ofereceu magistério pro pessoal de creche, vc não ofereceu curso universitário para o pessoal que dá aula, que eu fiz na nossa gestão, formamos nas universidades mais de três mil e quinhentos professores, então nós vamos investir pra valer sim na educação, porque quando vc cria um CEO, já é com esse conceito, e agora você acabou de dar uma escorregada, quando vc disse que eu não tinha que ter feito o CEO, Ué eu não só fiz os 21 CEOS, como comecei a tirar as escolas de lata que você criou e que eu comecei a tirar e deixei todas contratadas pra vc. Essa é a verdade.

Kassab

Eu gostaria de perguntar pra candidata Marta quais são as suas propostas em relação a manutenção da secretaria municipal que cuida das pessoas que tem deficiência e mobilidade reduzida. Nós tivemos uma série de avanços em nossa cidade na nossa gestão um tema muito importante, dez por cento das pessoas hoje são vítimas de uma deficiência e portanto eu gostaria de conhecer as suas propostas.

MARTA

Eu acredito que é muito importante essa secretaria nos na nossa gestão não fizemos uma secretaria mas cuidamos com muito cuidado porque mesmo com a cidade completamente destruída e precisando de investimento em tudo nós investimos muito no centro da cidade principalmente foi escolhido pra começar nas calçadas que permitiam que as pessoas cadeirantes para poder se locomover melhor, depois fizemos também nos ônibus, eu acho que nós podíamos ampliar e muito nos ônibus para cadeirantes que ainda é muito deficitário eu iria além disso também, porque não é só esse tipo de portador de problema mas é o ATENDE que vcs não aumentaram e ainda agora conversando com a população com muita reclamação que a população que só consegue se transportar com o ATENDE. O ATENDE não estaria mais disponível pras pessoas. E eu tenho uma proposta também que é a partir de uma coisa pessoal de percepção, já que agora a prefeitura tem muito mais recurso, dez bilhões a mais todo ano dá pra fazer coisas que eu sonhei e não pude fazer, de nós fazermos centros pras pessoas que tem algum tipo

de comprometimento que a família também não consegue cuidar e que eles poderiam ficar durante o dia pra serem cuidados e a família, aquela pessoa que tá em casa tomando conta. Poder ter seu trabalho e seu ente querido tá cuidado, num centro que, eu não chamaria de recuperação, mas seria desse tipo , ao mesmo tempo também classes especiais , isso essa semana uma senhora me parou na rua que tem um filho de 20 anos que não conseguiu aprender a ler e a escrever . Ele não pode ir pra uma escola com criança, o que fazer? Faltam lugares para atender essas mães que cuidam desses adultos , mas que tem problemas aí de QI de comprometimento. Então muita coisa pra fazer, e com mais dinheiro certamente nós vamos poder fazer.

Resposta de Kassab

Marta rebate

Eu acho que as rampas tem que ser feitas e na cidade inteira, não é uma questão de ser contra é uma questão de com quanto eu trabalhava em recursos, eu tinha dez bilhões a menos, e tinha que consertar o caos no trânsito que vc (k) deixou , tinha que lidar com a saúde que tava no PAZ que foi vc que criou, tinha uma série de necessidades que eu tinha que atender mas ao mesmo tempo vc mesmo diz Kassab, Eu comecei a fazer , eu não deixei isso abandonado porque eu não tinha dinheiro, eu enfrentei todos os problemas juntos, e era muito problema nessa cidade. E tem uma coisa que eu quero dizer que eu vou aumentar que eu acho muito importante tenho ouvido muitos idosos falarem , que é o acompanhante , o que eu chamava de anjos urbanos eles mudaram o nome pra acompanhante , que é a pessoa que faz a visita em casa para a pessoa doente , acho muito importante, eu introduzi na cidade de SP esse programa , quando eu vi funcionar em outros países , a pessoa doente as vezes mora sozinha tem um visitador que ajuda diariamente

Pergunta de Marta para Kassab

Todo mundo sabe que o trânsito nessa cidade é um dos maiores problemas. Um problema que chegou no pior nível na sua gestão atual , é poluição, é sofrimento de todas as classes sociais no trânsito . Eu na prefeitura fiz dez corredores de ônibus né. E ajudou muito a fluidez no trânsito , você prometeu fazer 5 corredores e não fez nenhum . Eu fiz 100 km de corredor , né e vc não fez nenhum , ao mesmo tempo vc também prometeu investir 32 km de fura-fila pra chegar na cidade Tiradentes, fez 8

km e era dinheiro do governo federal , então a minha pergunta é. Como vc explica que em 4 anos vc não fez nenhum corredor?

Resposta de Kassab

Marta

Você está lá a 4 anos Kassab né. Dois anos e oito meses só vc na sua gestão , bom tá lá a 4 anos e não fez nenhum km de corredor, e propoz e prometeu que ia fazer 5 km de corredor, o máximo que vc fez no trânsito até agora foi prometer que ia dar um bilhão pro metro, do qual só deu 25 milhões ., Então eu que peguei a cidade com dez bilhões a menos eu fiz 100km de corredor e corredores que ajudaram muito e vc fica dizendo que o corredor não ajuda não foi não valeu tal . Os corredores, a maioria tem ultrapassagem , vc vê o Teotônio Vilela o Ibirapuera o da Nove de Julho todos esses tem ultrapassagem da Rebouças não tem ultrapassagem porque... porque pra ter ultrapassagem teria que desapropriar casas de uma região muito rica e o metro iria tá logo ali num tá lá logo ali, mas foi feito com essa intenção foi planejado com essa intenção o governo do estado não entregou o metro por isso que não foi feito , agora vc não entregou nenhum km da sua promessa.

ANEXO B

Transcrição do Terceiro debate do segundo turno, exibido pela REDE GLOBO, em 19 de outubro de 2008.

KASSAB

O seu vice hélio bicudo disse que vc deixou a prefeitura falida disse que o serra herdou de vc uma cidade quebrada.bueiros sem limpeza, dividas da saúde, na educação a cidade um verdadeiro caos. Eu queria que vc falasse sobre o que o seu próprio governo disse sobre como vc deixou a cidade

MARTA

Kassab é muito importante quando vc analisa essa situação vê como que ela veio pra mim e como eu terminei, e eu falo com muito orgulho como eu terminei e como eu entreguei essa cidade pra José Serra e pra vc. Primeiro eu tive as contas aprovadas pelo tribunal de contas, tive pela câmara e também pelo STF. Então essa questão das contas nos poderíamos ficar anos discutindo os números. Mas o que eu acho mais importante discutir, o que vcs disseram que estava quebrada falida. Discutir o quanto vcs tinham em caixa, vc nunca contrariou o que eu disse, um bilhão e pouco em caixa em janeiro .e depois no final do ano já tinha dois bilhões e meio. Agora, o importante é perceber a cidade que eu recebi. A cidade que eu recebi foi de vc . vc co Pitta. Que acabaram essa cidade. Me entregaram a cidade com o PAS, que era aquele programa de saúde que estava nas páginas da polícia. A educação abandonada, as praças, ah! Tudo abandonado. A gente não sabia nem como começar. Essa foi a cidade que vcs me entregaram. Então eu me lembro quando o serra começou a fazer essa politicada dizendo que a cidade estava quebrada etc etc. eu fiquei pensando imagine se ele tivesse recebido a cidade que eu recebi, de vc...isso que é mais sério...de vc que agora é prefeito de sp, né....Eu recebi uma cidade que as subprefeituras eram regionais as pessoas não iam porque eram centros de comércio, era essa cidade, era a máfia dos fiscais. As pessoas não podem esquecer o que foi, eu me esforcei, eu fiz eu entreguei a cidade em ordem contas em ordem, tanto é que vcs tinham dinheiro.

KASSAB

Vc entregou o governo com 96 obras paradas túneis mal feitos que nas chuvas eram vítimas de enchentes dividas que chegaram a dois bilhões de reais, e o seu vice que

assumiu a prefeitura por dez dias, porque vc estava em Paris, ele pode observar bem a cidade e na pagina 215 do seu livro ele dizia. “logo me deparei com problemas surgidos por causa de compromissos financeiros que não estavam sendo cumpridos, refiro-me especialmente a coleta de lixo, a limpeza de bueiros, e sobretudo aos pagamentos a educação e a saude. Encontrei muito pouca disposição para manter a cidade em bom estado. Chego a pensar que era entregar o municipio com todos os problemas possiveis, criando dificuldades para o prefeito eleito José Serra.

MARTA

Eu gostaria de dizer que eu entreguei a cidade com a radial leste concluída, com a Jacu Pessego com 21 CEOS prontos, 25 que era pra vc fazer e não fez. 59 BS construídas por mim e que vc não construiu nenhuma. E as 130 áreas que vc diz que construí 99 são divisões de BS. Então fora as creches, as vagas em creches, eu criei 86 creches novas. Eu acho que eu entreguei a cidade tão melhor que eu recebi que eu acho inacreditável dizerem e ficarem falando sobre como eu entreguei a cidade. Se vcs recebessem o que eu recebi vcs não ousariam falar o que eu consegui fazer a capacidade que nossa equipe teve de gestão de planejamento de buscar dinheiro de fazer parcerias privadas. E por isso que eu sinto e vc repetir de novo eu tive muito orgulho de administrar minha cidade e de entregar do jeito que eu entreguei.

Marta

Boa noite Chico (pinheiro) boa noite Kassab

Eu vou ler um documento e quero saber a sua opinião sobre ele, entre aspas “deixar os moveis desmontados com urgência, deixar amarrados os armários e gavetas, descongelar a geladeira no dia anterior, desocupar totalmente o fogão, colocar coisas miúdas em caixas, não deixar crianças no caminho, deixar o almoço pronto pois haverá demora, avisar que vai faltar no serviço” Então Kassab, qual a sua opinião sobre esse documento?

KASSAB

Marta, independente de qualquer que seja o documento que vc leu ai. O importante nesse debate é que nos possamos fazer um debate sobre SP, as suas propostas, o que nos fizemos, o que faremos nos próximos 4 anos, analisar como encontramos a cidade no inicio de nossa gestão. Vc diz que encontrou a cidade quebrada falida,

nos encontramos ela mais falida ainda. E hoje a cidade está melhor. Hoje nos avançamos na saúde, avançamos na educação, construímos as AMAS , construímos dois novos hospitais e na próxima gestão entregaremos 3 novos hospitais. Fizemos um programa de recuperação dos espaços da cidade da manutenção da cidade. Hoje a cidade tá mais bonita, hoje a cidade tem o programa cidade limpa, que eliminou a poluição visual. Hoje a cidade, enfim , está melhor pra se viver. Hoje as crianças estudam com mais qualidade nas escolas . Enfim marta o que nós temos que discutir é SP, ponto-por-ponto, e não com pegadinhas em pequenos documentos, porque na campanha nós temos que respeitar o eleitor. Respeitar o eleitor significa elevar o nível da campanha, significa discutir políticas publicas

MARTA

Kassab respeitar as pessoas não é com vc mesmo. Isso que eu acabei de ler é um documento de despejo que vc manda pra pessoa na véspera. E esse documento fala o que eu acabei de ler. No dia seguinte vai cachorro, gás lacrimogenio , trator e policia. Esse é o governo que trata assim as pessoas. Esse é o seu governo. Não é pegadinha, a gente tá falando de gente , falando de seres humanos, e quando fala, “tira as crianças do caminho” . Eu não tiro as crianças do caminho, eu coloco as crianças no caminho. Eu coloco a criança no CEO eu dou esperança pra criança e trato as pessoas de forma diferente. Aqui tá exatamente as duas formas de governo. Uma pessoa que governa do jeito que vc coloca, pegadinha ou sei lá o que...gás lacrimogenio e essa carta de despejo infame. A outra que é uma pessoa do dialogo que conversa com as pessoas e é por isso que eu quero voltar a ser prefeita pra tratar essas pessoas com a dignidade que elas merecem.

KASSAB

Eu queria aqui perguntar pra candidata marta queria fazer uma pergunta em relação ao terceiro turno nas escolas. Ela encontrou a cidade de SP com 90 mil crianças estudando n o famoso turno da fome. E deixou a cidade com 150 mil crianças estudando nesse turno. Gostaria de saber da candidata o porque aumentou o numero de crianças nesse turno.

MARTA

Olha Kassab se tem uma coisa que eu me orgulho é ter feito nessa cidade o que eu fiz em relação a educação. Os professores estavam abandonados, os professores não tinham uma carreira o déficit escolar era gigantesco e nós nos esforçamos muito e conseguimos fazer muita creche nessa cidade. Eu construí muitas creches, eu conveniei muitas creches, fiz muitas coisas para as crianças nessa cidade. Não é a toa a minha votação nos bairros mais pobres dessa cidade porque as mães sabem o que eu fiz pela educação. E depois eu fiz os CEOS, os CEOS são o antes e o depois na educação em SP, porque eles vão muito além de Kassab, e vc nunca entendeu isso, eles vão muito além de um instrumento de educação, eles são instrumentos de inclusão social. Os CEOS são feitos onde a pobreza é tão grande, mas tão grande que não adianta nem fazer uma creche, vc tem que dar a oportunidade da criança perceber que tem outro mundo. Damos merenda boa e de qualidade, que na sua gestão com o Pitta era de quinta categoria. E investimos no professor também. Os que começaram com adi, que trabalham com crianças pequenininhas, nós proporcionamos a eles o magistério, conseguimos com isso um aumento de 80% no salário dos que ingressaram a partir daí na carreira de professor. E para os professores nós demos a oportunidade de fazer uma universidade paga pela prefeitura. Mais de 3 mil aceitaram e tiveram imediatamente um aumento de 15%. Então nós planejamos muito bem. Deixamos 161 escolas feitas, não fazendo, mas construídas e 186 planejadas para vc (k) fazer.

KASSAB

Os servidores e os professores sabem como foram tratados na sua gestão. O que eu quero lembrar aqui é que uma criança que fique uma hora a mais, na aula por dia, na escola por dia. Quando é eliminado o turno da fome, a turma da manhã, a turma da tarde fica uma hora a mais por dia isso significa o equivalente de dois anos a mais de estudo para essas crianças. Portanto é fundamental vc saber priorizar na vida pública. E na educação a nossa meta era acabar com a escola de lata que vc deixou e agora acabar com o terceiro turno, um amplo plano de construção de escola. E valorizamos muito o nosso professor e os nossos servidores, como eles nunca foram valorizados portanto eu tenho muito orgulho da nossa ação no ensino público.

MARTA

Em relação as escolas de lata vc cansa de repetir, que essas escolas de lata foi vc que fez junto com o Pitta quando vc era secretario de planejamento. Com as escolas de lata eu fui não como vc , né... que podiam ter resolvido isso na gestão anterior com o ministério publico. Mas trouxeram as escolas de lata para minha gestão . Eu desativei e construi onze novas. AS outras eu conversei com o ministério publico, porque nessa gestão tinha capacidade de dialogo. E nós em dois anos conseguimos convence-los a fazer escolas de alvenaria naquele lugar, porque eu não ia permitir criança pequeninha andar duas horas de ônibus. Por isso nos começamos a desativação, deixei 37 em construção e as outras licitadas. Então a nossa capacidade de pegar o que vc deixou do Maluf e o do Pitta, que aí era uma hecatombe verdadeira no ensino, não tinha escola, não tinha creche, não tinha CEO, não tinha nada e muito menos carreira, então essa historia de vir dizer agora que sua carreira de professor melhorou também não é verdade.

MARTA

Bom eu quero perguntar, a pesquisa do IBOPE contratada pelo movimento “nossa são Paulo” mostra que 71% dos paulistanos, tão muito desagradados e consideram o transporte ruim e péssimo, todo lugar que eu vou falam do ônibus que não tem a linha do ônibus que não tem frequência de tudo muito, muito ruim, precário na cidade de SP. A minha pergunta é : Porque o senhor deixou a cidade chegar nessa calamidade que nos tivemos uma experiência hoje nessa sexta feira do jeito que ta.

KASSAB

Pela priemira vez nos enxergamos a luz no fim do túnel. A cidade de SP precisa investir em transporte publico de qualidade. Metro, corredor de ônibus, gestão da CET. A então prefeita Marta deixou a CET com mais de 100 milhoes de dividas. Nunca um prefeito investiu no metro na cidade de sp. Nos estaremos investindo até o final do ano um billhao de reais, já transferimos para o governo do estado 503 milhoes de reais. E os nossos corredores demoram porque são corredores como devem ser feitos. Eu sou um prefeito que não a preocupação de colocar nome em placa. A minha preocupação é de fazer o que é correto, fazer o que é bom pra cidade.

MARTA

Vc prestou atenção no discurso?

“eu estou fazendo, eu estou enxergando a luz, estou agora começando a ver o” gente! Governar não é estar fazendo. Só usando gerúndio “fazendo”, governar é fazer. É que a realidade vc não fez. Você não fez os 5 corredores de ônibus que prometeu, o expresso Tiradentes que vc prometeu 32km, fez oito km e que agora publicou no jornal que cancelou 32% do orçamento que ia ser aplicado no expresso Tiradentes. O metro que vc fala, podia ter posto esse dinheiro muito antes, porque hoje a cidade tem condição, apresentou o cheque mas ninguém sabe pra onde foi. Isso poderia ter sido antes. Agora eu vou fazer, Eu vou fazer o que eu consegui fazer quando eu entrei na prefeitura e cheguei no bilhete único, eu vou fazer os corredores de ônibus necessários e por recursos no metro, o que vc não foi capaz de fato concreto de fazer.

MARTA

Houve um aumento muito grande da atividade no Brasil econômica e nos temos muitas pessoas com carteira assinada mas o comercio ambulante é muito forte. Nós temos os ambulantes que na maioria é gente honesta, trabalhadora, mas temos o comercio ilegal contrabandiado. E gera esquema de corrupção isso. Eu quero saber qual a sua política pra acabar com isso, com esses esquemas de corrupção.e

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)